

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

NOÉLLIO FURTADO GALVÃO

**Uma interpretação acerca da concepção de Filosofia apresentada pelos alunos da
turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense**

São Luís
2015

NOÉLLIO FURTADO GALVÃO

Uma interpretação acerca da concepção de Filosofia apresentada pelos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Profº. Msc. Flávio Luiz de Castro Freitas

São Luís
2015

Galvão, Noélio Furtado

Uma interpretação acerca da concepção de Filosofia apresentada pelos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense/ Noélio Furtado Galvão. – São Luís, 2014.

143 f.

Orientador: Prof. Msc. Flávio Luiz de Castro Freitas.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2014.

1. Currículo 2. Filosofia 3. Prática social

CDU 1:37.016

NOÉLLIO FURTADO GALVÃO

Uma interpretação acerca da concepção de Filosofia apresentada pelos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Flávio Luiz de Castro Freitas(Orientador)

Mestre em Filosofia

Universidade Federal do Maranhão

Prof.º Almir Ferreira da Silva Júnior

Doutor em Filosofia

Universidade Federal do Maranhão

Prof.ª Maria Olília Serra

Doutora em Filosofia

Universidade Federal do Maranhão

Aos meus avós maternos Maria do Desterro Furtado Galvão e Marçal Galvão, (in memoriam), que infelizmente não puderam estar presente neste momento tão feliz da minha vida, mas que não poderia deixar de dedicar a eles, pois se hoje estou aqui, devo muitas coisas a eles e por seus ensinamentos e valores passados. Obrigada por tudo! Saudades eternas!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades durante todo o meu percurso acadêmico. Deus, que a mim atribui alma e missões pelas quais já sabia de que eu iria batalhar e vencer, agradecer é pouco. Por isso lutar, conquistar, até vencer e até mesmo cair e perder, e o principal, viver é o modo de agradecer sempre.

A minha mãe, Maria do Desterro Furtado Galvão, a responsável pela minha existência, que mesmo com alguns subterfúgios da vida, sempre me aconselhou, me ajudou e torceu por mim.

A minha “tia-mãe” Neide Galvão, a principal e fundamental responsável por mais esse sonho que alcanço, pela sua determinação e luta na minha formação e dos meus irmãos, fazendo amparar os ensinamentos de meus avós. Bem como, a todos os dias que me conferia amparo, carinho e agrado.

Agradeço aos meus irmãos, Hildegardy Galvão Bezerra e Michelly D’Gerla Galvão Bezerra, que por mais difícil que fossem as circunstâncias, sempre tiveram paciência e confiança.

A Wellington Feitosa de Moraes, que está comigo sempre, nos momentos bons e ruins, por todas as vezes que me deu apoio para que eu não desistisse dos meus objetivos.

Agradeço ao meu eterno orientador, o Prof. Flávio Luiz de Castro Freitas, pela sua dedicação, aconselhamento e paciência, tanto comigo como com este trabalho de conclusão de curso e por ser um excelente profissional, o qual me espelho.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados, nos quais cito, as minhas professoras do Ensino Fundamental Célia, Mauricea, Georgina e Joanildes Arouche, bem como aos meus professores do Ensino Médio, Júlio, Maria do Carmo e Maria José, onde terão os meus eternos agradecimentos.

Aos meus ex-alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Dom Gabriel, Amanda, Hilário, Nailson, Maria e Marco Aurélio, por terem feito eu perceber o lado bom de ser docente.

Aos professores da graduação Judite Eugênia e Almir Ferreira, que sempre que precisei estavam dispostos a me ouvir e a me aconselhar.

Meus agradecimentos as amigas Camila Torres, Clarissa Macêdo, Fabianna Maria, Maria do Socorro conhecida por “Help”, Nádia Macêdo, Katiane Melo, Karol Sousa, Samara e Valéria, companheiras de trabalhos e irmãs na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A UFMA, pelo apoio a todas as viagens realizadas para encontros de graduação, possibilitando que pudesse compartilhar os conhecimentos aqui adquiridos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

O que justifica a presença da filosofia como disciplina no currículo do ensino médio é a oportunidade que ela oferece aos jovens estudantes de desenvolverem um pensamento crítico e autônomo. Em outras palavras, a filosofia permite que

eles experimentem um “pensar por si mesmos.”

Silvio Gallo

RESUMO

Palavras-chave: O presente trabalho objetiva apresentar as concepções que os alunos do 1º ano da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense possuem acerca da disciplina de Filosofia, para tanto esse trabalho se deu com base nas obras: “O currículo: uma reflexão sobre a prática” de José Gimeno Sacristán, onde o autor nos diz que o currículo é real e que acontece diretamente através do ensino em sala de aula e na obra “O ensino de Filosofia como problema filosófico” de Alejandro Cerletti, onde o autor descreve que a Filosofia é entendida como uma construção subjetiva, apoiada em uma série de elementos objetivos e conjunturais. Os dois autores, Sacristán e Cerletti, foram relidos em uma análise nos questionários que foram aplicados aos alunos do 1º ano da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense, desenvolvidos por alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, subprojeto Filosofia, para identificar as concepções que esses alunos apresentavam acerca da disciplina de Filosofia.

PALAVRAS – CHAVE: Currículo. Filosofia. Ensino.

ABSTRACT

This work presents the concepts that the students of 1st year class of 102 Maranhense Lyceum Education Centre have about the philosophy of discipline, both for this work was made based on the works: "The curriculum: a reflection on the practice" José Gimeno Sacristan, where the author tells us that the curriculum is real and what happens directly through teaching in the classroom and in the book "the teaching philosophy as philosophical problem" Alejandro Cerletti, where the author describes that philosophy is understood as a subjective construction, based on a series of objectives and cyclical elements. The two authors, Sacristan and Cerletti were reread in an analysis of questionnaires that were applied to the students of the 1st year of the class 102 of the Education Maranhense Liceu Center, developed by scholarship students of the Institutional Program Initiation Scholarships to Teaching the Federal University of Maranhão - UFMA, subproject Philosophy, to identify the concepts that these students had about the philosophy of discipline.

KEY - WORDS: Curriculum. Philosophy. Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O CURRÍCULO: CONCEITO E CRUZAMENTO DE PRÁTICAS DIVERSAS.....	15
2.1A Filosofia presente no âmbito da atividade político-administrativa	17
2.2 A disciplina de Filosofia e os conteúdos filosóficos integrantes do subsistema de participação e de controle	18
2.3 A Filosofia no Ensino Médio como parte do subsistema de ordenação do sistema educativo.....	19
2.4 Os livros de Filosofia: componentes do sistema de produção de meios	20
2.5 Filosofia, peça fundamental para a criação e formação do subsistema de âmbitos de criação culturais, científicos, etc.	20
2.6 Docentes de Filosofia, integrantes do subsistema técnico-pedagógico: formadores, especialistas e pesquisadores em educação.....	21
2.7 A Filosofia como meio de transformação para o subsistema de inovação.....	22
2.8 A disciplina e o ensino de Filosofia, elementos fundamentais para o desenvolvimento do subsistema prático-pedagógico.....	23
3. ENSINO DE FILOSOFIA: CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DE FORMA ATIVA E CRIATIVA.....	27
3.1 O ensino de Filosofia como prática social.....	28
3.2 O perguntar filosófico, elemento do processo de ensinar Filosofia.....	32
3.3 As etapas de uma aula de Filosofia.....	37
3.4 O uso de recursos didáticos pelo docente de Filosofia na aula de Filosofia	41
4. UMA INTERPRETAÇÃO PARA AS CONCEPÇÕES DE FILOSOFIA DOS ALUNOS DO 1º ANO DA TURMA 102 DO CENTRO DE ENSINO LICEU MARANHENSE.....	43
4.1 Os PCN's e o Ensino de Filosofia.....	43
4.2 O PIBID e o subprojeto de Filosofia da UFMA	45

4.3 A escola campo: Centro de Ensino Liceu Maranhense.....	46
4.4 Resultados dos questionários respondidos pelos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense.....	48
4.5 Concepções apresentadas pelos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense em relação a Filosofia.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXOS	61

1. INTRODUÇÃO

O objetivo de nosso trabalho consiste em compreender quais são as concepções que os alunos do 1º ano do Ensino Médio da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense possuem acerca da disciplina de Filosofia. Para responder a essa pergunta tivemos que traçar alguns pontos que são fundamentais para o desenvolvimento dessa problemática conceitual, identificando quais as características da Filosofia nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN's, bem como tentar compreender a formação do currículo escolar, sabendo que professor e aluno são partes principais dessa composição curricular e com isso chegar nas várias compreensões que os alunos possuem acerca da disciplina de Filosofia.

Muitos alunos questionam: para que serve a Filosofia?, qual a contribuição da Filosofia no seu dia-a-dia assim como a matemática e o português?, dentre outras. Esses questionamentos vêm à tona devido ao processo pedagógico e metodológico desenvolvidos pelas escolas e pelo profissional habilitado em Filosofia, na figura do professor. No que tange ao processo pedagógico, processo esse entendido como visão da instituição escolar, a disciplina de Filosofia fica só na teoria, ou seja, acreditam que a Filosofia também influencia nas questões relativas ao processo educativo do homem. Já no que se refere ao processo metodológico, vai do professor de Filosofia saber desenvolver suas habilidades e competências em sala de aula, fazendo com que a aula de Filosofia não fique somente na teoria e possa sim ser percebida e exercitada no dia-a-dia desses alunos.

Essa pesquisa contribuirá de base e análise, para os professores que compõem o Curso de Filosofia Licenciatura da UFMA, no qual através dos resultados aqui apresentados possa se pensar uma melhor estrutura didática, pedagógica e filosófica para o curso, sempre se pensando na clientela em que os habilitados irão atender.

Esta pesquisa foi dividida em três capítulos, no qual o primeiro capítulo tem como base a obra: *O Currículo: uma reflexão sobre a prática* do autor José Gimeno

Sacristán, onde tratar-se-á do currículo escolar, como uma prática social, no qual é dividido em oito subsistemas, tendo como principal, o subsistema oito que é o prático pedagógico, que vai acontecer diretamente na sala de aula na relação professor-aluno.

O segundo capítulo tem por base a obra: *O Ensino de Filosofia como problema filosófico* do autor Alejandro Cerletti que vem tratar da Filosofia como uma construção subjetiva e que esse ensino de Filosofia se dar com base em uma repetição criativa, onde o professor é o facilitador desse processo de ensino-aprendizagem para que os alunos consigam fazer a conceitualização sobre o que seja a disciplina de Filosofia.

Já o terceiro capítulo, vem apresentar as concepções que os alunos do 1º ano do Ensino Médio, da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense possuem acerca da Filosofia. Essas concepções foram identificadas na aplicação dos questionários que foram criado pelos alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, do subprojeto de Filosofia, no período de 2012.2, na intenção de analisar a didática trabalhada pelo professor de Filosofia, na qual, se tem características ainda marcantes do ensino tradicional e por consequência perceber qual a real compreensão desses alunos do 1º ano do Ensino Médio da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense sobre a Filosofia.

2. O CURRÍCULO: CONCEITO E CRUZAMENTO DE PRÁTICAS DIVERSAS

Para pensarmos as concepções que os alunos do 1º ano do Ensino Médio da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense construíram acerca da Filosofia, estamos considerando o processo de produção das mesmas. Isso significa que estamos tentando compreender os contextos nos quais esses alunos estavam envolvidos, destacando o ambiente institucional da escola e as condições presentes para que as referidas concepções fossem produzidas. Dentro disso, tentamos enfatizar o papel da sala de aula e da presença do professor de filosofia e sua participação na elaboração das mesmas.

Para tanto, ao levar em consideração esses contextos e condições, utilizaremos uma concepção de currículo que nos permita tentar pensar tamanha diversidade de características a partir da efetiva prática, englobando os distintos aspectos sociais e institucionais que repercutem no trabalho docente e nas concepções dos alunos.

Dessa forma, podemos entender no currículo escolar porque ao mesmo tempo que se configura o perfil de determinada instituição com bases econômicas, políticas e culturais em relação ao seu meio social, também forma os indivíduos e trata diretamente sobre todas as práticas cotidianas em sala de aula. Entende-se por um sistema social as entidades ou grupos que mantêm relações diretas entre si, aos padrões de comportamento, onde ocorrem diálogos com o intuito de alcançarem objetivos comuns, utilizando métodos ou mais ou menos consensuais.

Para Sacristán, na sua obra *O Currículo: Uma reflexão sobre a Prática*, podemos entender o currículo como:

O conjunto de objetivos de aprendizagem selecionados que devem dar lugar à criação de experiências apropriadas que tenham efeitos cumulativos avaliáveis,

de modo que se possa manter o sistema numa revisão constante, para que nele se operem as oportunas reacomodações.¹

Conjunto de objetivos esses, citados por Sacristán, que podem ser compreendidos através de pactos culturais, sociais, políticos e administrativos, que juntos, preenchem a atividade escolar e se tornem dentro da realidade condições da escola, como a própria está configurada em âmbito social. Assim, percebemos que o currículo inclui uma seleção de conteúdos culturais que juntos vão fazer parte do projeto educativo proposto pela escola. Com isso, ultrapassa o simples conceito de ser visto somente como uma simples seleção de conteúdos, pois sua realização é possível mediante as condições políticas e administrativas da instituição.

Dessa forma, o currículo escolar busca as suas fontes de inspiração no conhecimento e nas necessidades do contexto social. As suas funções cumprem como expressão do projeto de cultura e socialização que são realizadas através de seus conteúdos, de seu formato e das práticas que criam em torno de si. Tudo isso se produz ao mesmo tempo: conteúdos (culturais, intelectuais e formativos), códigos pedagógicos e ações práticas através dos quais se expressam e modelam conteúdos e formas.

Sacristán acrescenta ainda que:

O currículo é muitas coisas ao mesmo tempo: ideias pedagógicas, estruturação de conteúdos de uma forma particular, detalhamento dos mesmos, reflexo de aspirações educativas mais difíceis de moldar em termos concretos, estímulo de habilidades nos alunos, etc.²

O currículo é o centro da ação educativa, pois irá influenciar diretamente a qualidade do ensino. Sua função inclui delimitar atividades, bem como os conteúdos a serem desenvolvidos pela escola somando as experiências transmitidas pelos discentes e docentes envolvidos, tendo como base, a sociedade, as políticas, a escola, o professor e o aluno.

Portanto, entendemos o currículo como uma práxis social, pois, como nos fala Sácristan há:

[...] muitos tipos de ações que intervêm em sua configuração, que o processo ocorre dentro de certas condições concretas, que se configura dentro de um mundo de interações culturais e sociais, que é um universo não construído não-natural, que essa construção não é independente de quem tem o poder

¹SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: Uma Reflexão sobre a Prática**. Tradução. Ernani F. da Fonseca Rosa – 3. ed. – Porto Alegre: ArtMed. 2000. p. 46

² Ibid., p. 173.

para constituí-la[...] sua construção não pode ser entendida separadamente das condições reais de seu desenvolvimento e, por isso mesmo, entender o currículo num sistema educativo requer prestar atenção às práticas políticas e administrativas que se expressam em seu desenvolvimento, às condições estruturais, organizativas, materiais, dotação de professorado, à bagagem de ideias e significado que lhe dão forma e que o modelam em sucessivos passos de transformação.³

Ao falar que o processo ocorra de forma concreta, Sacristán, em outras palavras, afirma que analisar currículos significa estudá-los no contexto em que se configuram e através do qual se expressam em práticas educativas em resultados, pois, a escola em geral, ou um determinado nível de ensino ou qualquer tipo de instituição que apresente modelo educacional, deve adotar uma posição e uma orientação seletiva frente à cultura, que se concretiza, precisamente, no currículo que transmite. Pois, para Sacristán na sua obra *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*, diz que: “A análise do currículo é uma condição para conhecer e analisar o que é a escola como instituição cultural e de socialização em termos reais e concretos.”⁴

Como uma prática social, Sacristán nos apresenta a definição de currículo da seguinte forma: “um projeto seletivo de cultura, cultural, social, política e administrativamente condicionado, que preenche a atividade escolar e que se torna realidade dentro das condições da escola tal como se acha configurada.”⁵

Entendido como uma prática social que apresenta função socializadora e cultural, Sacristán reagrupa o currículo em torno de oito subsistemas ou âmbitos nos quais se expressam práticas ligadas ao currículo, nos quais surgem influências para o significado pedagógico do mesmo. Dentre esses subsistemas, a sala de aula nos interessa diretamente como espaço do efetivo exercício da aula de filosofia e enunciação das concepções dos alunos acerca da mesma.

Esses subsistemas se apresentam da seguinte forma:

2.1 A Filosofia presente no âmbito da atividade político-administrativa

Entendemos o currículo nesse subsistema de uma forma prescrita como obrigatória para um nível educativo por parte da administração devido ao seu alto poder de intervenção. Esse subsistema é de responsabilidade total da administração

³ Ibid., p. 21

⁴ Ibid., p. 17

⁵ Ibid., p. 36

educacional, no qual podemos entender como os ministérios e secretárias de educação, onde cada órgão desse, irá regulamentar o currículo com base nas características gerais de sua região, de cada estado, fazendo assim, com que a construção do currículo apresente um contexto direto com os sujeitos sociais no qual esse currículo irá atender. Dentro do meio escolar esse subsistema acontece por meio da administração pública (secretárias de educação) que regula o currículo e coloca-o como obrigatório a um nível de ensino. Supostamente, O papel do Centro de Ensino Liceu Maranhense é juntamente com esses órgãos administrativos elaborar o currículo escolar de acordo com a proposta curricular do Estado do Maranhão e do Plano de Curso, pensando diretamente na clientela que atende, fazendo com que o educando participe de seu grupo, apropriando-se de crenças, conhecimentos acadêmicos e referenciais sócio-históricos.

2.2 A disciplina de Filosofia e os conteúdos filosóficos integrantes do subsistema de participação e de controle

Sobre esse subsistema, Sacristán diz que: “Todo currículo se insere num determinado equilíbrio de divisão de poderes de decisão e determinação de seus conteúdos e formas.”⁶ Ou seja, a elaboração, a realização e a concretização do currículo são de responsabilidades de instâncias com competências mais ou menos definitivas, que variam de acordo com o campo jurídico, com a tradição administrativa e democrática de cada contexto. Entretanto, Sacristán situa a decisão curricular em vários contextos, como por exemplo, para a participação de órgãos do governo, das escolas, de associações e sindicatos de professores, de pais de alunos e etc., no desenvolvimento e controle do currículo, uma vez que esse currículo se forma de maneira democrática.

Esses dois subsistemas apresentam-se relacionados ao campo político. Com isso o currículo não pode ser entendido somente no âmbito pedagógico e cultural, pois, a educação é uma prática social que envolve um processo extenso e complexo de tomadas de decisões.

Sendo assim, o currículo é visto como um documento sugerido pelos órgãos políticos-administrativos e que não compreende apenas as matérias ou os conteúdos do conhecimento, mas também sua organização e sequência adequadas, bem como os métodos que permitem um melhor desenvolvimento dos mesmos.

⁶ Ibid., p. 24

Dessa forma, podemos resumir e afirmar que os dois primeiros subsistemas do currículo escolar, em um meio institucional educacional, se dão necessariamente pelos órgãos superiores de educação como, o Ministério da Educação em parceria com as secretárias de educação dos estados e municípios da Federação e o Centro de Ensino Liceu Maranhense por ser uma escola da rede pública, que procura adequar as normas estabelecidas visando os seus ideais enquanto instituição educacional, para estabelecer uma identidade própria.

2.3 A Filosofia no Ensino Médio como parte do subsistema de ordenação do sistema educativo

Sacristán define a ordenação do sistema educativo no seguinte modo, “a própria estrutura de níveis, ciclos educativos, modalidades ou especialidades paralelas ordenam o sistema educativo, marcando, em linhas gerais, de forma muito precisa, as mudanças de progressão dos alunos pelo mesmo.”⁷

Sua função baseia-se na regulação de cada período de escolaridade. A cultura também é um fator influente, pois a diferenciação dos currículos depende de cada nível do sistema, portanto é um dos caminhos de intervenção do poder da estrutura político-administrativa que rege o sistema educacional. Sabendo que cada nível educativo e modalidade de educação cumprem funções sociais, seletivas, profissionais e culturais diferenciadas que se reflete na seleção curricular, os conteúdos dessa forma devem apresentar-se adaptados para cada nível de ensino.

Nas instituições de ensino, esse subsistema é compreendido através etapas que os alunos progridem a cada série de ensino, a cada ano, começando pela educação infantil, seguindo para o ensino fundamental e chegando até o ensino médio até a sua conclusão, dessa forma, completando toda a educação básica. No Estado do Maranhão essas etapas de ensino são obedecidas e são administradas pelas secretárias de educação do estado e do município do Estado do Maranhão. E essas secretárias apresentam relação com o governo federal, pois, é o mesmo que organiza e determina como as instituições devem seguir as orientações. No caso do Centro de Ensino Liceu Maranhense, o mesmo não apresenta todas as etapas de ensino, somente o Ensino Médio, que é a última etapa que os educandos fazem na educação básica.

⁷ Id.

2.4 Os livros de Filosofia: componentes do sistema de produção de meios

A produção de meios é definida por Sacristán “os currículos se baseiam em materiais didáticos diversos, entre nós quase que exclusivamente nos livros-texto, que são os verdadeiros agentes de elaboração e concretização do currículo.”⁸

O livro didático é um instrumento para o professor, pois é nele que está a fonte do conhecimento tanto para quem ensina quanto para quem aprende, contribui para o desenvolvimento e aprendizagem da sociedade. É importante entender os meios, não como agentes neutros, mas como um fator de determinação muito ativa, com o intuito de exercer controle sobre a prática, as estreitas margens de decisão do professor, a sua baixa qualidade de formação e as desfavoráveis condições de trabalho.

Esse subsistema, em um meio escolar, acontece diretamente dentro do subsistema prático pedagógico, que é justamente através dos livros didáticos e paradidáticos que os alunos usam para ajudar na captura do conhecimento. Livros esses que passam periodicamente por atualizações, nos quais as editoras apresentam aos órgãos administrativos da educação, os mesmos citados anteriormente, nos dois primeiros subsistemas do currículo escolar, na intenção da administração escolar escolher os seus livros e aplicarem na rede de ensino. No Centro de Ensino Liceu Maranhense, o docente não utilizava livros didáticos com os alunos do 1º ano da turma 102, pois, a Secretária de Educação do Estado ainda não havia adotado nenhum livro de Filosofia para o Ensino Médio.

2.5 Filosofia, peça fundamental para a criação e formação do subsistema de âmbitos de criação culturais, científicos, etc.

Os profissionais que estão à frente da criação ou manutenção do currículo possuem a capacidade para desenvolver ações realmente viáveis entre escola e comunidade, onde devem apresentar conhecimentos sobre as áreas específicas e sobre a cultura.

⁸ Id.

[...]seus conteúdos e suas formas se explicam em alguns aspectos pela influência deste subsistema de criação do conhecimento e da cultura. Boa parte do dinamismo dos estudos sobre o currículo e da inovação curricular, sobretudo nas áreas científicas, nos países industrializados durante as últimas décadas, se explica pela pressão sobre o sistema educativo das instâncias de pesquisa, influenciadas por sua vez pelos interesses tecnológicos ligados a elas.⁹

Como o currículo é uma seleção de cultura, logo o processo de ensino-aprendizagem tem seu reflexo na seleção curricular. Portanto não é admissível separar a realidade cultural da construção e efetivação do currículo, bem como a cientificidade dos conteúdos programados. Ambos devem apresentar-se juntos, para possuírem enfoques formativos para todos os que fazem que compõem o currículo.

Nas instituições escolares, esse subsistema acontece a partir do momento em que coordenadores, gestores e professores se reúnem, discutem e começam a delimitar os conteúdos programáticos e ações que interferirão no ensino, apresentando uma relação com a sociedade no qual os alunos estão inseridos.

2.6 Docentes de Filosofia, integrantes do subsistema técnico-pedagógico: formadores, especialistas e pesquisadores em educação

Sacristán define o subsistema de especialistas e de pesquisa, da seguinte forma:

[...]grupos de especialistas relacionados com essa atividade, pesquisadores e peritos em diversas especialidades e temas de educação, etc. criam linguagens, tradições, produzem conceitualizações, sistematizam informações e conhecimentos sobre a realidade educativa, propõe modelos de entendê-la, sugerem esquemas de ordenar a prática relacionados com o currículo, que têm certa importância na construção da mesma, incidindo na política, na administração, nos professores, etc.¹⁰

Diversos pesquisadores e especialistas em educação criam expressões, tradições, produzem conceitos, informações e conhecimentos sobre a realidade educativa, sugerem esquemas de ordenar a prática relacionada com o currículo, que ajuda de certa forma na construção da mesma, podendo refletir-se na política, na administração, nos professores, etc.

⁹ Ibid., p. 25

¹⁰ Id.

Os profissionais que compõe a construção de todo esses procedimentos são capacitados e possuem conhecimentos técnicos para desempenhar essas ações.

Mas o que se destaca dentro desse subsistema é que os especialistas devem ter o conhecimento tanto com relação a teoria com a sua prática para que possa saber o que fazer, e como isso será feito, vendo a sua execução em todo o processo. A operação do currículo quando realizada apresenta seus pontos fortes e fracos e que tendem ao longo do tempo serem reformulados.

No meio escolar identificamos esse subsistema, a partir do momento em que identificamos algumas pessoas que possuem algum diploma reconhecido em alguma Instituição de Ensino Superior (IES), que esteja ligada diretamente a questão de ensino, no caso, que possua, no mínimo, alguma licenciatura e que consiga trocar ideias em relação a um aperfeiçoamento ou compreensão da educação. E nessa situação se encaixa o docente de Filosofia do Centro de Ensino Liceu Maranhense, pois, possui curso superior em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, atualmente é concursado pelo Estado do Maranhão e atua na área da docência em Filosofia.

2.7 A Filosofia como meio de transformação para o subsistema de inovação

Uma renovação pedagógica dentro de um sistema já julgado obsoleto pode influenciar no posicionamento dos professores. As mudanças acontecem até mesmo nos materiais didáticos e a busca na qualificação dos professores a novas metodologias e tudo o que diz respeito a sistemas educativos em busca de inovar com relação ao currículo e o aperfeiçoamento dos professores ser feito de forma eficaz sempre visando reformas curriculares dependendo da necessidade dessas reformas. É o que retrata o autor dentro do seu contexto e que se encaixa com os dias atuais, quando se trata de inovar, pode até se trazer algo novo mas porque não remodelar algo já criado é uma maneira de diminuir custos e até mesmo tempo. Quando Sacristán diz que “[...] renovação pedagógica. Isso sintoma de uma necessidade. Renovação qualitativa da prática exige produção alternativa de materiais didáticos e sistemas de apoio direto aos professores em sua prática.”¹¹

¹¹ Id.

A análise que Sacristán faz nesse subsistema e em relação a sociedades mais desenvolvidas, no qual observamos um aumento exacerbado da qualidade educativa, conseqüentemente a adequação constante do currículo. Porém entre nós não há esta mediação. O que se explica pelo modelo de intervenção administrativa existente sobre o currículo e pela falta de consciência sobre sua necessidade. Enfim, essa cobiça de inovação visando uma melhor qualidade apareceu através de grupos de professores e movimentos pedagógicos. Fica claro que para uma mudança faz-se necessário uma grande mudança em todo o sistema educacional, no qual espera-se que a nossa sociedade se desperte para os entraves ainda existentes em relação a educação.

Esse subsistema curricular, no meio escolar, acontece diretamente através da figura do professor em relação ao ensino para o seu aluno. O inovar significa que o professor deve possuir meios, procurando respostas criativas a situações problemas, que tentam apaziguar ou eliminar algumas mazelas sociais que são vistas pelos alunos. E as instituições escolares também devem fazer seus papéis, fornecendo recursos para que o quadro se modifique e apresente resultados finais a toda a comunidade escolar, fortificando ainda mais o currículo escolar. Em suma, toda as instituições escolares devem constantemente estarem se inovando, em todos os setores que a compõem.

O Centro de Ensino Liceu Maranhense, é uma instituição escolar pública do Estado do Maranhão, possui na sua estrutura física: um auditório, uma sala de projeção, um teatro, uma sala de informática e espaços bem amplos para o desenvolvimento de atividades lúdicas relacionadas ao ensino. Bem como apresenta recursos modernos como: data-shows e notebooks, visando um aprendizado melhor e moderno aos alunos. Vale citar, que constantemente os professores do Centro de Ensino Liceu Maranhense participam de cursos de qualificação oferecidas pelo Governo do Estado. Contudo, enxergamos o Centro de Ensino Liceu Maranhense como parte deste subsistema inovador.

2.8 A disciplina e o ensino de Filosofia, elementos fundamentais para o desenvolvimento do subsistema prático-pedagógico

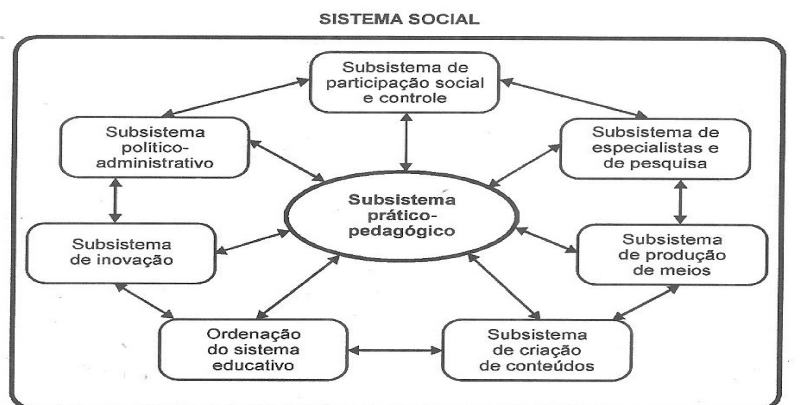
Esse subsistema é de nosso particular interesse, uma vez que pressupomos que é nele que ocorre o ensino de Filosofia e a cristalização das demais condições para

produção das concepções de filosofia dos alunos do 1º ano do Ensino Médio da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense.

É na vivência prática influenciada por todos os outros fatores mencionados que ocorre a aula de Filosofia, rigorosamente é quando ocorre o ensino de Filosofia e as concepções dos alunos são organizadas com base na maneira como tanto eles, quanto o professor são atravessados pelos demais subsistemas e organizam esses atravessamentos.

Isso pode ser pensado a partir desde a influência dos Parâmetros Curriculares Nacionais existentes, passando pela presença ou ausência do Projeto Político Pedagógico da escola, dos modelos impostos para as propostas curriculares, da escolha do livro didático por parte do professor, de suas concepções de Filosofia que estão por sua vez ligadas a um conjunto de conteúdos acadêmicos e universitários, sem deixar de mencionar, por fim, a maneira como esse ensino é experienciado em meio aos alunos.

Com isso, o subsistema pedagógico proporciona um campo onde o professor pode desenvolver suas habilidades, relacionando-as com as concepções do conhecimento e da aprendizagem. As relações entre a sala de aula, enquanto sistema prático-pedagógico, e os demais subsistemas é de reciprocidade entre si. Os conjuntos dessas ligações constitui o sistema curricular, compreensível apenas dentro de um determinado sistema social geral, que se traduzem em processos sociais que se expressam através do currículo. De acordo com a lei nº 11.684/2008 a disciplina de Filosofia possui carga horário de 2 horas semanais. Na prática essa carga horária da disciplina de Filosofia no Centro de Ensino Liceu Maranhense acontecia. O docente cumpria sua carga horária total de 20 horas semanais em seis turmas de 1º ano e em duas turmas de 2º ano, ambas do Ensino Médio, sendo que essas 20 horas semanais são divididas em 16 horas de aula e 4 horas de planejamento. Na sala 102, exclusivamente, essas aulas aconteciam nas segundas e quartas-feiras, em apenas um horário em cada dia.



Sendo assim, o currículo é compreendido como algo que sempre está passando por mudanças, transformações, pois, uma vez em que a sociedade se configura de uma outra forma, assim o currículo fará uma releitura dessa sociedade e por consequência, acabará sendo alterado, uma vez que, deve manter relação direta que o contexto social em que está inserido, para que haja a concretização do currículo.

O currículo é entendido com base na dialética da práxis social, ou seja, a práxis é entendida como uma unidade dialética entre a teoria e a prática, na construção histórica.

Em relação a isso, Sacristán nos diz que:

O currículo é uma prática desenvolvida através de múltiplos processos e na qual se entrecruzam diversos subsistemas ou práticas diferentes, é óbvio que, na atividade pedagógica relacionada com o currículo, o professor é um elemento de primeira ordem na concretização desse processo. Ao reconhecer o currículo como algo que configura uma prática, e é por sua vez, configurado no processo de seu desenvolvimento, nos vemos obrigados a analisar os agentes ativos no processo. Este é o caso dos professores; o currículo molda os docentes, mas é traduzido na prática por eles mesmos – a influência é recíproca.¹³

Sendo assim, o currículo tem como fator determinante a junção de todos os oito subsistemas dando mais credibilidade, e fortalecendo o último subsistema prático-pedagógico. No meio escolar, observamos o subsistema prático-pedagógico se configurar basicamente por professores e alunos e circunscrita às instituições escolares. É o que diariamente chamamos ensino como no qual se comunicam e se fazem realidade as propostas curriculares, onde sua execução se dar dentro de uma sala de aula.

¹²Organograma do currículo como sistema social proposto por Sacristán. p. 23

¹³ Ibid., p. 165

É com base nesse ensino que entendemos o currículo como um conjunto de matérias de um curso educacional, no qual se encontram todas as disciplinas curriculares obrigatórias, e, entre elas, está a Filosofia que recentemente passou a compor o currículo escolar.

Dessa forma, o currículo escolar é visto como uma realidade concreta, e essa realidade se dá justamente, pela execução de todos os oitos subsistemas em uma instituição escolar, principalmente, quando percebemos o oitavo subsistema que é o prático pedagógico sendo colocado em prática; uma vez que o Ensino de Filosofia é transmitido em uma sala de aula, e essa sala de aula é composta por um professor de Filosofia e vários alunos, em uma relação dialógica, onde o professor é o responsável pela transmissão dos conteúdos, fazendo com que os alunos consigam desenvolver de forma lenta e gradual a sua compreensão com o que está a sua volta, através da história da Filosofia e dos seus conhecimentos subjetivos.

Contudo, consegue-se se pensar o Ensino de Filosofia como parte de um subsistema prático pedagógico, pois, o docente habilitado em Filosofia licenciatura vai ensinar Filosofia aos alunos, dentro de um espaço físico que é a sala de aula e por isso afirmamos que o ensino de Filosofia proposto por Cerletti, atende necessariamente as ideias apresentadas por Sacristán, no currículo escolar, em específico ao oitavo subsistema que é o subsistema prático-pedagógico, onde de uma forma clara e direcionada ao processo, que é o de ensino-aprendizagem e suas funções apresentam-se ligadas diretamente a professores e alunos em sala-de-aula. De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Liceu Maranhense, esses alunos que compõem o subsistema prático-pedagógico são “alunos da classe média alta e baixa além de alunos oriundos de classes populares.”¹⁴

¹⁴ Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Liceu Maranhense. p. 16

3. ENSINO DE FILOSOFIA: CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DE FORMA ATIVA E CRIATIVA

Considerada indispensável ao currículo do Ensino Médio, a Filosofia e a Sociologia foram aprovadas, em julho de 2006, pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE), através da Resolução CNE/ CEB nº 4, de 16 de agosto de 2006, como disciplinas obrigatórias no currículo do Ensino Médio. Tal exigência se deu devido à percepção que educadores tiveram ao constatar os benefícios que a disciplina oferece aos alunos que trabalham com ela.

Ao que parece o maior problema enfrentado pelos professores não é a falta de conteúdo e sim a necessidade de ferramentas que possibilitem sua aplicação e onde, muitas vezes, podem até existir tais ferramentas, mas outro problema aparece o de não saber como usá-las durante a aula. Mas antes de expor com mais detalhes esta dificuldade, devemos partir da problemática que se mantém no ensino de Filosofia, a primeira questão que nos aparece é “o que é ensinar Filosofia?”.

Discutir filosoficamente já é complicado, se torna ainda mais denso e complicado, quando pensamos em atribuir conceitos do que primeiramente seja a Filosofia em si, e, depois, do que seja a forma correta de ensinar. Desde o início, o ensino de Filosofia esteve ligado ao seu desenvolvimento, mais, a partir da modernidade

e das diversas formas de instituições do ensino da Filosofia, a questão sobre o ensino de Filosofia passa a possuir o sentido institucional.

Como vimos com o autor Sacristán na formulação do currículo, temos como um dos subsistemas a atividade política-administrativa, no qual é formado por órgãos responsáveis pela seriação de conteúdos escolares em cada disciplina. Sendo assim, outras disciplinas e inclusive a Filosofia passa a compor os sistemas educativos e, por consequência, acaba compondo os programas oficiais, possuindo maior ou menor importância. Dessa forma, podemos ver o ensino de filosofia adquirindo dimensão estatal, ou seja, controlado e administrado por um Estado, pois, os docentes ensinam “Filosofia” de acordo com os conteúdos e os critérios estabelecidos pelos planejamentos oficiais e pelas instituições de educação habilitadas.

Em relação ao ensino institucionalizado de Filosofia, diz que:

As exigências programáticas do ensino institucionalizado de filosofia fazem com que, no desenrolar dos cursos, a reflexão filosófica sobre o significado ou o sentido da filosofia costume ser abreviada ao extremo ou postergada quase indefinidamente, em favor da introdução, sem mais, dos conteúdos “específicos” da filosofia.¹⁵

E para que essa noção do ensino de Filosofia não fique distante da realidade, é de responsabilidade do docente, sempre estar adaptando-a no contexto real da sala de aula, tanto para sua formação ou aperfeiçoamento como para transmitir os conhecimentos aos alunos.

3.1 O ensino de Filosofia como prática social

Cerletti, na sua obra *O Ensino de Filosofia como problema filosófico*, diz que “o ensino da Filosofia é basicamente uma construção subjetiva, apoiada em uma série de elementos objetivos e conjunturais”¹⁶. A relevância disso consiste na possibilidade de se entender por “elementos objetivos” a realidade própria de cada um. E nessa perspectiva, o autor diz que “um bom professor é aquele capaz de levar adiante de forma ativa e criativa, essa construção”.¹⁷

Quando se fala de ensino tem-se a ideia de transmissão de conteúdos, alguém que sabe, no caso o professor, transmite esse saber à alguém que não sabe, no caso o

¹⁵ CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução: Ingrid Muller Xavier. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2009. p. 14

¹⁶ Ibid., p. 8

¹⁷ Id.

aluno; no final do processo ocorrerá um tipo de avaliação feita pelo professor que deveria dizer se o aluno realmente aprendeu, permanecendo nesta linha de pensamento. Ensinar Geografia, por exemplo, é ensinar noções de tempo e espaço, mas no caso da Filosofia, a questão que se forma é, será possível achar uma resposta unívoca para o que é filosofia? A própria questão “o que é Filosofia?” já se trata de uma problemática filosófica. Durante toda a sua história, vários filósofos se encarregaram de tentar encontrar uma resposta para esta questão, porém ao se aplicar um único conceito dentro de sala, este modificará todo o processo de como a aula vai ser dada.

Poder-se-á até dizer que aprender Filosofia é conhecer sua história, desenvolver habilidades cognitivas e argumentativas, construindo uma visão de mundo. Ensinar Filosofia está diretamente ligado a como se ensina, ao filosofar, o que nos retoma a questão das dificuldades de aplicação de um conteúdo ou de conceito que não são únicos ou que se fossem dados como únicos, implicaria em uma “morte” a própria Filosofia, não há conceitos únicos para as problemáticas as quais a Filosofia se dispõe a discutir. Ao contrário do que se pode imaginar essas dificuldades funcionam como um motor, um estímulo para desenvolver a investigação filosófica sobre a própria Filosofia.

Assim, podemos observar a praticidade do currículo proposto por Sacristán em ação. Uma vez que para Sacristán, a execução concreta do currículo acontece dentro da sala de aula, na relação professor-aluno, na medida em que o professor leva o aluno, a perceber as questões ao seu redor, para depois emitir juízos.

Dessa forma levantamos alguns pontos, primeiro “o que é ensinado?” Segundo “como é ensinado?”. Em relação a isso, Sacristán, diz que:

“O “como”, em geral, é visualizado separadamente daquilo que se ensina, e o ensino estaria suficientemente garantido, para alguns, pelo domínio dos conhecimentos filosóficos do professor; para outros, pelo domínio de determinados recursos didáticos.”¹⁸

Contudo, este “que” corresponde aos conteúdos, o “como” a maneira como estes conteúdos são passados para o aluno.

Filosofia e Didática andam por caminhos separados, ou se justapõem em um contexto de “dar aula”. O que nos faz pensar que é factível ensinar da mesma maneira os vários conteúdos da nossa Filosofia, porém não há como desvincular o ensino de

¹⁸Sacristán.Op. cit., p. 15

Filosofia de sua problematização do seu filosofar. Cerletti quando se refere a maneiras comuns de ensinar, fala que há atividades diversas para ensinar filosofia.

De fato, é possível reconhecer diferentes modos de encarar o ensino de filosofia. Antes, nos referimos a que certas estratégias didáticas – (exposições, leituras e comentários de textos, atividades grupais, estudos dirigidos, etc.), algumas delas ditadas pelo senso comum (o que “sabe” um tema pode “ensiná-lo”)[...]¹⁹

Em relação ao que Cerletti cita, podemos fazer uma análise de acordo com mais dois subsistemas desenvolvidos por Sacristán que compõem o currículo escolar. Aqui, podemos observar o subsistema de produção de meios e o subsistema de inovação, onde ambos se referem aos recursos didáticos, partindo dos livros didáticos até mesmo a se usar recursos lúdicos, utilizados pelo docente para aperfeiçoar a transmissão do conhecimento aos alunos.

Os recursos didáticos possuem a função de serem meios facilitadores do ensino – aprendizagem, onde a partir desses recursos os docentes poderão trabalhar as questões da história da Filosofia.

Partindo de que ensinar implica assumir um compromisso e uma responsabilidade muito grande, Cerletti, afirma que “um bom docente será aquele que se situa a altura dessa responsabilidade [...]”²⁰ Discuti também que “os melhores professores são aqueles capazes de ensinar em condições diversas”²¹. Significa isso que terão que repensar sempre “no seu dia a dia os próprios conhecimentos”²².

Para Sacristán, o currículo escolar deve ser discutido e organizado com base na realidade escolar das instituições de ensino. Dessa forma, podemos fazer uma comparação com Cerletti, uma vez que o mesmo, apresenta que ensinar Filosofia é um percurso que o docente irá fazer diariamente com base na realidade dos seus alunos. Da mesma forma, onde podemos perceber que em cada instituição de ensino, deve-se ser desenvolvido seu currículo com base na realidade da sociedade em que faz parte.

Em relação ao ensino de Filosofia, Cerletti afirma que cada ensino seja realizado de acordo com o seu meio, pois:

¹⁹ Cerletti. Op. cit., p. 16

²⁰ Ibid., p. 9

²¹ Id.

²² Id.

[...]é evidente que não é o mesmo “dar aulas” de filosofia em uma escola de uma zona socialmente muito castigada da periferia suburbana do que em um colégio urbano de classe alta ou em uma escola rural do interior do país [...] porque em função desses contextos, não será o mesmo em cada caso o que se pode – ou se deve – fazer em nome da filosofia.²³

Dessa forma, podemos fazer uma releitura de Sacristán idealizada por Cerletti, porque o mesmo, aponta para a complexidade da realidade na qual se dá, ou se desenvolve o processo ensino/aprendizagem. E Sacristán apresentou a formação do currículo escolar diretamente ligado a sociedade no qual a escola fazia parte. E é por essa razão que Cerletti, argumenta que “o ensino de filosofia implica uma atualização cotidiana de múltiplos elementos que envolvem de maneira singular seus protagonistas, a filosofia posta em jogo e o contexto em que esse ensino tem lugar.”²⁴

Em qualquer situação do ensino de Filosofia, o que emerge sempre, é o contato que com ela mantém quem assume a função de ensinar (docente), pois, a disciplina de Filosofia poderá situar-se na própria Filosofia ou desenvolver-se sobre a Filosofia, fazendo assim com que todo o curso possa ser visto de forma filosófica. Dessa forma, não se separa a filosofia do filosofar.

Filosofia e filosofar se encontram unidos, então, no mesmo movimento, tanto o da prática filosófica como o do ensino de filosofia. Portanto, ensinar filosofia e ensinar a filosofar conformam uma mesma tarefa de desdobramento filosófico, em que professores e alunos compõem um espaço comum de pensamento. É em virtude disso que avaliamos que todo ensino de filosofia deveria ser, em sentido restrito, um ensino filosófico.²⁵

Em última instância, Cerletti, nos diz que:

Todo ensino filosófico consiste essencialmente em uma forma de intervenção filosófica, seja sobre textos filosóficos, sobre problemáticas filosóficas tradicionais, seja até mesmo sobre temáticas não habituais da filosofia, enfocadas desde uma perspectiva filosófica.²⁶

Dessa forma argumenta que só se pode ensinar filosofia a partir de algum lugar, com base em alguma teoria filosófica específica, pois, será aprendido pelos alunos, justamente as análises feitas por eles próprios, sobre os filósofos e as teorias que foram desenvolvidas. Dessa forma podemos perceber, que: “No entanto, o filósofo não inventa as suas questões ou seus problemas do nada. Antes poderíamos dizer, que ele é um re-

²³Ibid., p. 7 - 8

²⁴ Id.

²⁵Ibid., p. 19

²⁶Id.

criador de problemas. A filosofia é filha de seu tempo e de suas circunstâncias.”²⁷ Assim, esse ensino histórico pode se dar juntamente com recursos didáticos, para que o aluno consiga captar de forma rápida e consiga fazer a assimilação mediante o que foi proposto pelo docente.

Essas análises que serão feitas por esses alunos, com bases na história da Filosofia, acabará desenvolvendo uma inquietude, fazendo com que várias perguntas sejam levantadas sobre as obras dos filósofos. E, é, justamente o perguntar filosófico, o elemento principal e fundamental do filosofar, e é, a partir dele que se dá o processo do ensinar a filosofia.

O problema de aplicar maneiras didáticas e formais de ensinar Filosofia é o fato deste ensino não estar desvinculado do filosofar como dito anteriormente, para isso devemos entender primeiro o que diferencia uma questão filosófica de um simples ato de perguntar.

3.2 O perguntar filosófico como elemento do processo de ensinar a Filosofia

O que faz uma pergunta filosófica se tornar tal como é, consiste no tipo de resposta esperada por aquele que a formula, ou seja, na intencionalidade da pergunta, no qual parece ser uma resposta ingênua, mas se pararmos para pensar é possível falar sobre o “que é o tempo” de diversas maneiras e cada disciplina dará sua resposta, porém na Filosofia uma única resposta sobre o que é o tempo é pouco, e esta questão leva a outra e a outra, seguindo uma linha de questionamentos.

[...] a definição do caráter filosófico de uma pergunta depende do tipo de resposta esperada por aquele que a formula. Ou seja, o que faz com que uma interrogação possa ser considerada filosófica, fundamentalmente, está mais na intencionalidade de quem pergunta, ou se pergunta, do que na pergunta em si.²⁸

A intencionalidade filosófica do perguntar se alicerça na base ao saber, na busca constante do saber. Por isso, o perguntar filosófico é uma ação no qual não aceita de imediata uma resposta dada, ou seja, as perguntas filosóficas possuem a capacidade de nos impressionar por terem sido feitas, mas também pela enorme profundidade das respostas que se pedem. Com isso, Cerletti nos diz que:

O perguntar filosófico pretende enriquecer o sentido do questionamento e universalizar a dimensão das respostas. O interrogar filosófico não se

²⁷ Ibid., p. 25

²⁸ Ibid., p. 23

satisfaz, pois, com a primeira tentativa de resposta, mas se constitui, fundamentalmente no re-perguntar.²⁹

Essa ação de sempre estar se questionando nos remete ao significado real do termo Filosofia, que significa amor ou desejo de saber, pois, sempre buscamos conhecimentos a mais, no quais somos movidos pela curiosidade na busca de fundamentos que expliquem as questões da realidade. Dessa forma, observamos a filosofia não como algo intrínseco a vida do homem, mais sim como uma atividade natural do homem em relação ao mundo e a si mesmo.

A inquietude filosófica muito além das concepções de filósofos, que são produtos de seu tempo e de suas angústias, abre a consciência de que há um vazio que não pode ser preenchido e este é o primeiro passo para o filosofar. Mas como manter dentro de sala de aula condições que permitam com que o aluno desenvolva questões filosóficas?

Antes de se analisar as questões de como esses alunos enfrentarão essas questões, parte do docente se analisar primeiramente, a sua relação com a Filosofia e o filosofar, pois, como nos diz Cerletti “o que move alguém a filosofar é o desafio de ter que dar conta, permanentemente, de uma distância ou de um vazio que nunca é preenchido, satisfeito.”³⁰ Poderíamos dizer que os docentes a cada dia se atualizam nas questões da Filosofia, porque tentam frequentemente a responder às suas próprias indagações. Indagações essas que partem de suas subjetividades e do mundo a sua volta. E ensinar a Filosofia, é um problema filosófico, porque é na tarefa de ensinar que nos vemos obrigados a enfrentar os vazios que nos permeiam, tentando minimizar os conflitos através das possibilidades de respostas.

Desenvolver habilidades próprias da Filosofia é antes conhecer o ciclo de conhecimento e teorias da mesma, sua história, não que se tenha que conhecer tudo, mesmo por que não seria possível, mas ter um contato, não se pode filosofar do nada, não se faz perguntas de lugar nenhum, é necessário um ponto de referência para alavancar um primeiro passo.

O questionamento pode ser visto como a parte fundamental num processo de aprendizagem. É função do docente levantar as questões para os alunos para que os

²⁹ Ibid., p. 24

³⁰ Ibid., p. 27

mesmos despertem respostas argumentativas, exigindo assim o seu raciocínio para que os alunos estejam envolvidos em debates produtivos na sala de aula, e que posteriormente esses debates possam ajudar em outros questionamentos.

Funciona como uma repetição que possibilita uma criação de novos argumentos, e essa criação se transforma em um desafio para o docente, em suas aulas, além de fornecer informações, produz também mudança subjetiva do aluno. Ao mesmo tempo em que é um desafio do professor, filosofar é, antes de qualquer coisa, uma decisão pessoal.

A formação do docente também deve se pôr em pauta, já que não se entende o porquê de diferenciar a formação de um professor de filosofia e ser filósofo, uma vez que na maioria dos cursos de formação de Filosofia, quando se pergunta a um futuro professor se ele está se formando em professor ou em filósofo é notório certo receio em se determinar como filósofo, é até compreensível já que o termo “filósofo” parece trazer consigo uma responsabilidade, como se este deter-se um saber superior, ou se preocupasse apenas com questões que estão fora da realidade do cotidiano. Vê-se o professor com apenas um transmissor de conteúdos filosóficos, quando na verdade o verdadeiro professor de Filosofia é capaz de despertar o questionamento dos alunos, assim sendo, também ser filósofo e vice-versa.

Um bom questionamento envolve professor e aluno, pois, baseia-se na prática do diálogo. E ambos podem apresentar características de um filósofo, sobre essa questão, Cerletti fala:

No caso específico da filosofia, sustentaremos que há aspectos da prática do filósofo que podem ser postos de manifesto, de diferentes formas, nos diversos níveis de ensino; que poderia haver algo em comum, desde o ponto de vista qualitativo, entre a atividade de um filósofo e a de alguém que se inicia no filosofar. Isso quererá dizer que, sob certas condições, qualquer um poderia vir a filosofar. Isso é, qualquer pessoa poderia fazer-se certo tipo de perguntas filosóficas e tentar, em alguma medida, respondê-las.³¹

Esse espaço comum entre filósofos e iniciantes ao filosofar, podemos entender como uma atitude de suspeita, questionadora e crítica, do filosofar. Uma vez que assim como os filósofos definiam suas próprias perguntas, construíam seus problemas e através de suas análises forneciam a si mesmo as suas respostas, ou seja, elaborando a sua filosofia, professores e alunos podem também da mesma forma apresentar suas

³¹ Ibid., p. 28

“teorias filosóficas”, exibindo assim, uma atitude perseverante de perguntar e perguntar-se frequentemente para poder tentar encontrar as respostas dos problemas que foram questionados por si mesmos.

Para a prática desse perguntar, o aluno deve colocar em ação a sua capacidade de pensar, ou seja, o seu pensamento deve seguir uma sequência lógica para que ele possa entender, analisar e discutir sobre as questões que estão ao seu meio.

Ensinar Filosofia não significa somente transferir conhecimentos. O ato de educar em si já é bastante complexo, ainda mais se tratando de ensinar Filosofia, pois, envolve o desenvolvimento de formas de pensar, de estruturas mentais e, para isso, não basta o docente “encher” de inúmeras informações os alunos, sem manter relação direta de acordo com um posicionamento na história da Filosofia e também sem manter relação direta com a realidade desse aluno.

Sendo assim, ensinar Filosofia para Cerletti:

Supõe basicamente ensinar a filosofar ... mais do que pela aquisição de certos conhecimentos ou pelo manejo de alguns procedimentos – por um traço distintivo: a intenção e a atitude insistente do perguntar; do problematizar e, de acordo com isso, de buscar respostas.³²

Desenvolver habilidades próprias da Filosofia é antes conhecer o ciclo de conhecimento e teorias da mesma, sua história, não que se tenha que conhecer tudo, mesmo por que não seria possível, mas ter um contato, não se pode filosofar do nada, não se faz perguntar de lugar nenhum é necessário um ponto de referência para alavancar um primeiro passo.

Funciona como uma repetição que possibilita uma criação de novos argumentos, e essa criação se transforma em um desafio para o docente, em suas aulas além de fornecer informações, produz também mudança subjetiva do aluno. Afirmamos que não é possível criar ou desenvolver alguma teoria a partir do nada, com isso, o que fazem os filósofos é “re-criar” os seus temas e os seus problemas. Nesse refazer, diz Cerletti: “o filósofo estende-se em direção ao passado. Mas, ao mesmo tempo, projeta-se em direção ao futuro, porque desdobra um olhar próprio que inventa novos questionamentos.”³³

³² Ibid., p. 29

³³ Ibid., p. 32

Da mesma forma age o docente de Filosofia, pois, estar sempre dando recorrendo aos velhos problemas dos filósofos e os reconstruindo a cada aula ministrada, sempre fazendo uma interpretação diferente. Esses problemas que os professores sempre trazem à tona dos filósofos que estudaram, faz com que sempre estejam atualizando a sua própria filosofia, sendo assim, no ambiente pedagógico que ocorre dentro da sala de aula, temos:

O professor-filósofo e seus alunos-filósofos-potenciais conformam um espaço comum de recriação no qual as perguntas se convertem em problemas que olham em duas direções: para a singularidade de cada um no perguntar-se (e a busca pessoal de resposta) e para a universalidade do perguntar filosófico (e as respostas que os filósofos se derem ao longo do tempo).³⁴

Cerletti, considera ainda que a repetição é positiva na Filosofia na medida em que “é condição de possibilidade de criação, ou seja do aparecimento de algo diferente”.³⁵ Pode-se entender essa recriação através de dois fundamentos básicos que se entrelaçam na relação ensino-aprendizagem. Uma pode ser entendida de forma objetiva e outra de forma subjetiva. A forma subjetiva entende-se pelas fontes históricas, pelos textos originais dos filósofos e pelos textos dos seus comentaristas e etc.; ou seja, são todas as fontes ou fatos históricos que aconteceram no desenvolver da Filosofia na história. Já a forma objetiva, remete-se a leitura que cada indivíduo (aluno) fará por meio dos materiais históricos, tentando reler o filósofo no seu tempo de elaboração do texto, ou da sua tese, relendo no passado, tentando observar no presente e já desenvolvendo um possível pensamento sobre a mesma questão para o futuro.

Dessa forma podemos entender, o ensino de Filosofia de forma ativa e criativa. No momento em que o aluno se põe a pensar e através de alguma posição filosófica desenvolvida no passado, consegue “enxergar” a sua realidade. Assim, Cerletti chama a atenção também para o fato de que o ensino de filosofia vai muito além do transporte dos saberes tradicionais. Nesse aspecto, o que faz com que um ensino de filosofia seja filosófico é o fato “desses saberes serem revisados no contexto de uma aula.”³⁶ Assim, os alunos conheceram a Filosofia a partir dos filósofos e conseguirão desenvolver suas teorias, suas análises sobre a realidade, ou seja, pensarão o problema de forma diferente e tentarão encontrar respostas para os mesmos.

³⁴ Id.

³⁵ Ibid., p. 33

³⁶ Ibid., p. 34

Essa repetição criativa, Sacristán citando Alain Badiou, diz que, podemos identificar a Filosofia como forma de repetição, da seguinte forma: “a filosofia estaria identificada sempre pelo jogo permanente daquilo que afirma e o que põe em dúvida; por essa tensão entre a afirmação, a oposição e a criação.”³⁷ Assim, para Badiou, o que a filosofia repete não é um conhecimento determinado, mais sim, o conhecimento capaz de se alterar durante o seu processo.

Para um processo repetitivo-criativo, o docente de Filosofia deve seguir algumas etapas de desenvolvimento da aula para que no fim o aluno consiga fazer a compreensão do que foi exposto pelo professor. Como sabemos, a filosofia apresenta um grau de dificuldade imenso, quando se vai querer conceituar; esse grau, também é percebido, mediante as etapas de desenvolvimento das aulas de Filosofia. Preocupados com isso, autores como Silvio Gallo e Renata Aspis desenvolveram um método para uma aula de Filosofia, que se configura em quatro etapas, são elas: a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceitualização.

Para Silvio Gallo e Renata Aspis, a filosofia é a experiência fundamental para o desenvolvimento do pensamento, que permite reduzir um problema ou uma questão a pontos simples e claros. Dessa forma o principal objetivo da aula de filosofia é oportunizar ao estudante a possibilidade da experiência filosófica, isto é, a experiência com o pensamento conceitual. Assim, tratar do ensino da filosofia como criação de conceitos, como experiência do pensar por conceitos, significa fazer da sala de aula uma espécie de laboratório. Trata-se de mudar o foco do ensino como treinamento para uma educação como experiência, em que cada estudante seja convidado a colocar suas questões, adentrando no campo problemático e experimentando os conceitos.

3.3 As etapas de uma aula de Filosofia

O professor do Ensino Médio pode e deve viabilizar essa perspectiva na disciplina de Filosofia através do exercício que todos os filósofos sempre fizeram, isto é, recomeçar para depois avançar. Na prática, os autores elencaram quatro etapas do método: sensibilização, problematização, investigação e conceitualização.

A primeira etapa da aula de Filosofia é a “sensibilização”. Pensar é uma atividade condicionada por problemas, dessa forma, os problemas propostos devem ser

³⁷ Sacristán. Op. cit., p. 34

vividos pelos alunos como problemas seus, que os inquiete e façam com que desenvolvam a ação de pensar. Por isso, os alunos precisam ser sensibilizados para os problemas. Essa sensibilização, dar-se-á, através de questões não filosóficas e que estejam ligadas muito próximo a realidade dos alunos para que consigam abstrair o problema e em cima dele comecem a tentar a solucionar o mesmo.

Nessa primeira etapa da aula de Filosofia, na sensibilização, é necessário o uso de recursos metodológicos, tais como: poemas, músicas, pinturas, esquemas, matérias jornalísticas, trechos de programa de televisão, etc., materiais esses que façam parte do universo dos estudantes, que apresentam a função de despertar nos jovens o interesse pelo assunto abordado.

A segunda etapa da aula de filosofia, é a “problematização”. Nessa parte da aula, o tema transforma-se em problema. O professor coloca em prática o sentido crítico e investigador da Filosofia, provocando os alunos a produzirem questões a partir do tema abordado. É nessa etapa da aula que move a experiência filosófica. Esse efeito de ir em direção de pensar o problema para chegar ao conceito é essencialmente o próprio processo da experiência filosófica.

A terceira etapa da aula de filosofia, é a “investigação”. Aqui o professor de Filosofia, recorre a história da Filosofia, recorrendo a filósofos que, em sua época e em seu contexto, pensaram sobre o tema abordado. É o estudo ou aprofundamento filosófico, através de textos filosóficos para solucionar um problema filosófico, isto é, compreendê-lo racionalmente. É perpassar a história da filosofia, através de textos filosóficos originais ou comentados.

É na investigação que o pensamento filosófico começa a fazer sentido aos alunos, pois, compreendem determinada questão em um determinado momento da história. É a construção de um discurso argumentativo, dando provas ao problema em análise. A busca da argumentação se dar a partir do momento que o aluno analisa detalhadamente o texto filosófico, dissecando-o até sair de uma ideia complexa e chegar a uma ideia mais clara e objetiva e, assim, poder construir, apreender ou transformar um conceito.

A última etapa da aula de Filosofia, é a “conceitualização”, é a efetivação do ato filosófico, isto é, estimar, atribuir, criar, construir um conceito. Portanto, de acordo com a proposta de Gallo e Aspis, o “passo-a-passo” do método seguiria a seguinte lógica: 1 -

Pensar no problema formulado a partir do tema proposto; 2 - ler e analisar textos filosóficos; 3 - encontrar nos textos um ou mais conceitos que dizem respeito ao problema; 4 - Deslocar esse conceito para a nossa experiência de pensamento.

Sendo assim, isso tudo significa, a recriação do conceito investigado. Para os autores do método, Gallo e Aspis, quando pegamos o conceito de uma determinada obra, escrita por um filósofo, e o refazemos para o pensar do nosso problema inicialmente formulado, com base nos nossos próprios referenciais, esse conceito já não é mais como era na obra do filósofo, pois nesse momento o conceito passa por um novo processo de pensamento e argumentação. E, dessa forma, é que o aluno participa e desenvolve a experiência filosófica, analisando determinado problema nos dias atuais e na sociedade em que está inserido.

Com todo esse processo e recorrendo ao capítulo anterior que trata do currículo como uma prática social, podemos perceber que a repetição criativa que se dar em uma aula de Filosofia, se desenvolve através do professor no qual vai transmitir o conhecimento para os alunos, dentro de um ambiente que é sala de aula. Dessa forma, observamos a configuração do oitavo subsistema que é professor-aluno-sala de aula. Com isso, podemos afirmar que a repetição criativa acontece dentro do oitavo subsistema curricular, que é o subsistema prático-pedagógico mais conhecido por ensino.

Sendo assim, percebemos uma das funções sociais da Filosofia dentro do currículo escolar, que não se apresenta somente “nos muros” das instituições escolares. E sim, se manifesta de forma ampla, tornando cidadãos em críticos que detêm o conhecimento com base na própria realidade.

Dessa forma, o professor é o elemento fundamental na concretização desse processo. Este desempenhará o papel de realização plena do currículo, consciente de seu papel na execução e desenvolvimento de práticas que tornarão o currículo eficaz.

A formação do docente também deve se pôr em pauta, já que não se entende o porquê de diferenciar a formação de um professor de filosofia e ser filósofo, uma vez que na maioria dos cursos de formação de Filosofia, quando se pergunta a um futuro professor se ele está se formando em professor ou em filósofo é notório certo receio em se determinar como filósofo, é até compreensível já que o termo “filósofo” parece trazer consigo uma responsabilidade, como se este deter-se um saber superior, ou se

preocupasse apenas com questões que estão fora da realidade do cotidiano. Vê-se o professor com apenas um transmissor de conteúdos filosóficos, quando na verdade o verdadeiro professor de Filosofia é capaz de despertar o questionamento dos alunos, assim sendo, também ser filósofo e vice-versa.

O desafio de todo docente – e muito em especial de quem ensina filosofia – é conseguir que em suas aulas, para além de transmissão de informação, produza-se uma mudança subjetiva. Fundamentalmente de seus alunos, mas também de si mesmos. Se a aula é um espaço compartilhado de pensamento e nela há *diá-logos* filosóficos, a dimensão criativa envolve aqueles que aprendem e aqueles que ensinam. Em outras palavras, o professor deve criar as condições para que os estudantes possam tornar própria uma forma de interrogar e uma vontade de saber... O ensino de filosofia é uma construção subjetiva. Um bom professor ou uma boa professora de filosofia é quem pode levar adiante essa construção. O “sujeito” desse processo é tanto o que aprende como o que ensina, mas, sobretudo, é o *vínculo* entre ambos.³⁸

Ensinar Filosofia, então, nunca terá garantias de que alguém aprenda a ser um filósofo. O que um bom professor tenta realizar é levar o aluno para que possua um “amor” pelas coisas, esse amor que é entendido como uma busca constante sobre as coisas. Sendo assim, Cerletti finaliza dizendo que:

[...]“Aprender” a filosofar implica uma decisão que é, em última instância, pessoal, e, como se refere ao que não há (já que o pensamento do outro não pode ser predito, nem planejado, porque é justamente o não sabido do que ensina), podemos dizer que se trata de uma aposta subjetiva. Em definitiva quem aprende filo-sofia filosofa quando cria, isto é, quando os conhecimentos que vai adquirindo, ou com os quais conta, são reordenados a partir de uma maneira de interpretá-los. Ou seja, quando estabelece novas relações com o mundo.³⁹

Dessa forma, podemos entender a filosofia como um espaço íntimo que cada indivíduo possui, ou seja, a forma como ele estabelece a sua opinião com o mundo social, resultando na sua formação como na construção de valores compartilhados em uma sociedade.

“Um ensino de filosofia é filosófico na medida em que aqueles saberes são revisados no contexto de uma aula”,⁴⁰ disse-nos Cerletti. Com isso, podemos perceber que o docente é peça fundamental para o desenvolvimento do cognitivo dos alunos, baseado através dos fatos históricos que aconteceram na Filosofia.

³⁸ Cerletti. Op. cit., p. 37

³⁹ Ibid., p. 40

⁴⁰ Ibid., p. 34

E sobre esse ensino, Sacristán concorda com Cerletti, pois, para Sacristán temos como o último subsistema que compõem o currículo escolar, o subsistema prático pedagógico no qual se delinea por professores e alunos, frente às instituições escolares.

Para que o docente em Filosofia faça com que os alunos se entreguem a Filosofia é preciso se pensar também em como desenvolver uma aula, que chame a atenção do aluno e leve-o a perceber a importância e a necessidade da tal disciplina em questão. Dessa forma, podemos fazer uma releitura do que também seja uma repetição criativa para Cerletti.

Repetição essa que é entendida de acordo com as teorias filosóficas desenvolvidas pelos filósofos ao longo do tempo e criativa a partir dos recursos utilizados pelos docentes para tentar aproximar os conteúdos a realidade dos alunos.

3.4 O uso de recursos didáticos pelo docente de Filosofia na aula de Filosofia

O recurso didático que pode ser visto de inúmeras maneiras, como: poesias, prosas, música e todas as outras expressões artísticas. As utilizações desses materiais apresentam uma concretização do que o docente pretende desenvolver em sua aula. Os recursos didáticos são vistos como um auxílio para o docente, fazendo com que ele alcance aquilo que pretendeu passar aos alunos.

A utilização desses recursos mantém relação direta com o conteúdo ministrado pelo professor em sala de aula, bem como mantém relação direta aos alunos, uma vez que essa aula de Filosofia não pode em hipótese alguma partir de um ensino tradicional, no qual o docente chega já com o seu material pronto e acabado e o aluno se limita a escutar.

Uma aula de Filosofia é uma aula, onde o diálogo esteja presente a todo momento, onde se tenha uma busca pela verdade através de perguntas e respostas. Dessa forma, o docente fará papel de mediador para o desenvolver de suas aulas.

Como vimos até aqui, à Filosofia ainda tem muito que enfrentar e apesar de agora ter um espaço na grade curricular das escolas, o fato de tentar delimitá-la, ocasiona questões filosóficas antes deixadas de lado, foi-se por muito tempo focado a preocupação no “que” ensinar desmerecendo o “como” ensinar. Sua utilidade por vezes questionada faz com que se construam tentativas de duas respostas, a de um filósofo, que enquanto experimentador da filosofia, não admitira uma única resposta, e a do senso comum, que tende a procurar alguma utilidade na prática com o cotidiano.

Sendo assim, percebemos uma das funções sociais da Filosofia dentro do currículo escolar, que não se apresenta somente “nos muros” das instituições escolares. E sim, se manifesta de forma ampla, tornando cidadãos em críticos que detém o conhecimento com base na sua própria realidade.

Dessa forma, o professor é o elemento fundamental na concretização desse processo. Este desempenhará o papel de realização plena do currículo, consciente de seu papel na execução e desenvolvimento de práticas que tornarão o currículo eficaz.

Logo, o currículo não substitui o professor em hipótese alguma, mas o currículo escolar é um instrumento a seu serviço, uma vez que cabe ao professor de Filosofia orientar e dirigir o processo de ensino-aprendizagem, principalmente modificando o próprio currículo de acordo com as aptidões, interesses e características dos alunos.

É exercendo o subsistema prático pedagógico, que em si percebe-se o Ensino de Filosofia, que por sua vez, mantém uma relação direta com os alunos, no qual os alunos através dos recursos e das metodologias adotadas pelo professor conseguiram emitir uma concepção acerca da própria disciplina de Filosofia, percebendo ou não que a mesma sugere caminhos possíveis e coerentes para o descobrir dos sentidos das coisas.

4. UMA INTERPRETAÇÃO PARA AS CONCEPÇÕES DE FILOSOFIA DOS ALUNOS DO 1º ANO DA TURMA 102 DA ESCOLA LICEU MARANHENSE

4.1 Os PCNS e o ensino de Filosofia

Na sua obra *O ensino de filosofia como problema filosófico*, p. 34, Cerletti diz que:

Já que o ensino filosófico, por sua vez, será repetição e criação, estamos então diante do problema conceitual de como ensinar essa “repetição criativa”. Essa questão é relevante porque vincula todos os aspectos do que viemos colocando até aqui e, de maneira mais específica, ressalta a pertinência de, enquanto filósofos docentes, sermos coerentes em relação àquilo que ensinamos e o modo de fazê-lo.⁴¹

Frente a essa construção, temos a presença dos PCN's que servem como norteadores para o desenvolvimento das aulas, fornecendo subsídios para a adequação dos alunos na sociedade em que estão inseridos.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's são orientações de qualidade, elaboradas pelo Governo Federal, para os Ensinos Fundamental e Médio⁴² do país. O objetivo é propiciar subsídios à elaboração e reelaboração do currículo, tendo

⁴¹ Id.

⁴² Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio foram instituídos como Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio por meio da Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 1998, precedida por debates com setores organizados da sociedade civil e de formulações de consultores e especialistas na área educacional.

em vista um projeto pedagógico em função da cidadania do aluno e de uma escola atualizada em que se possa aprender sempre mais e de forma melhor.

Para o Ensino Médio, temos o PCN+ Ensino Médio, que são orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais, que têm por objetivo auxiliar os educadores na reflexão sobre a prática diária em sala de aula e servir de apoio ao planejamento de aulas e ao desenvolvimento do currículo da escola; bem como, “de proporcionar a ocasião oportuna para seus alunos desenvolverem competências e habilidades que os tornem sujeitos autônomos e cidadãos conscientes.”⁴³. Nos quais, esses parâmetros se apresentam da seguinte forma: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Arte e Informática); Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (Biologia, Física, Química, Matemática); Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Política). O último eixo que nos compete uma atenção maior, que é onde a disciplina de Filosofia faz parte.

No PCN+ Ensino Médio, na parte destinada a disciplina de Filosofia, identificamos no seu contexto toda uma abordagem que vai desde uma interrogação sobre o conceito de Filosofia até a conjuntura de habilidades e competências que tanto professores e alunos devem seguir para poderem observar uma utilidade da disciplina de Filosofia no cotidiano.

De acordo com o PCN+ Ensino Médio, por Filosofia, em linhas gerais, podemos entendê-la como: “[...]uma reflexão crítica a respeito do conhecimento e da ação, a partir da análise dos pressupostos do pensar e do agir e, portanto, como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas.”⁴⁴

Já para ensino de Filosofia, o PCN+ Ensino Médio, nos apresenta o ensino de Filosofia, com base, em umas das citações mais usadas por Immanuel Kant, quando remete-se a ensinar Filosofia, no qual o mesmo diz que: “não se ensina Filosofia, ensina-se a filosofar”⁴⁵. Isso quer dizer, que todos os docentes devem perfazer o tradicionalismo, de passar os conteúdos aos alunos, somente com base no desenvolver da história da filosofia e de forma acabada. O aluno deve ser visto em sala de aula,

⁴³ **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Médio, Brasília, MEC, 2002. p. 42

⁴⁴ Ibid., p. 44

⁴⁵ Ibid., p. 47

como uma peça fundamental no processo ensino aprendizagem, deve compreender o processo de acordo com o seu esforço reflexivo, buscando conceitos, exercitando a sua capacidade de problematização e analisando determinada questão no seu tempo.

Portanto, o professor deve promover competências gerais, ou seja, o professor não deve somente ensinar, mais acima de tudo, deve fazer com que os alunos aprendam e compreendam os conteúdos apresentados de forma interdisciplinar, que estão sendo trabalhados, sempre desenvolvendo a capacidade de pensar, permitindo que modelem ou remodelam o mundo. A contextualização interdisciplinar de conteúdos traz importância ao cotidiano do aluno, mostra que aquilo que se aprende, em sala de aula, tem aplicação prática em nossas vidas, permite ao aluno sentir que o saber não é apenas um acúmulo de conhecimentos técnico-científicos, mas sim uma ferramenta que os prepara para enfrentar o mundo, permitindo-lhe resolver situações até então desconhecidas.

Dessa forma, os PCN's, apresentam proposta inovadora e abrangente, expressam o empenho em criar elo entre ensino e sociedade e apresentam ideias do “que se quer ensinar”, “como se quer ensinar” e “para que se quer ensinar”. Os PCN's não são uma coleção de regras e sim, um pilar para a transformação de objetivos, conteúdo e didática do ensino.

Dessa forma, o professor é o elemento fundamental na concretização desse processo. Este desempenhará o papel de realização plena do currículo, consciente de seu papel na execução e desenvolvimento de práticas que tornarão o currículo eficaz.

Sendo assim, percebemos uma das funções sociais da Filosofia dentro do currículo escolar, que não se apresenta somente “nos muros” das instituições escolares. E sim, se manifesta de forma ampla, tornando cidadãos em críticos que detêm o conhecimento com base na própria realidade.

4.2 O PIBID e o subprojeto de Filosofia da UFMA

Pensando nessa formação, é que o Governo Federal desenvolve programas de incentivo a educação a cursos de licenciatura espalhados pelas universidades estaduais e federais de todo o Brasil. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores e para a educação básica.

O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. No caso da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, a proposta do PIBID resultou do diálogo e discussão entre seus docentes, discentes e técnicos educacionais com os representantes da Secretária de Educação do Estado.

[...] Para isso, em decisão conjunta com a equipe técnica da Educação da Secretaria de Estado, foram priorizadas, para o desenvolvimento desse Projeto, as escolas que mais necessitam de intervenções inovadoras e da construção de itinerários formativos que garantam o preparo dos estudantes com vista à melhoria dos índices do desempenho escolar nas áreas da Matemática e Letras, para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio; Física, Química, Biologia, Sociologia, Filosofia, Geografia, História e Artes para o Ensino Médio; e Pedagogia, que propõe ação nos anos iniciais do Ensino Fundamental desenvolvendo trabalho com o letramento – leitura, escrita e Matemática.⁴⁶

Os projetos devem promover a inserção dos estudantes de nível superior no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

O subprojeto de Filosofia, tinha por objetivo geral, proporcionar aos estudantes de Licenciatura em Filosofia uma vivência com o ensino da disciplina de Filosofia no contexto do Ensino Médio, tendo em vista a formação, construindo metodologias que auxiliassem no ensino de Filosofia, desenvolvendo o despertar da reflexão filosófica.

O projeto de Filosofia, que foi aplicado no Centro de Ensino Liceu Maranhense que é uma escola da rede pública de ensino em São-Luís/MA, foi denominado de “Filosofia e Arte”. A intenção era ministrar as aulas de Filosofia através de expressões culturais (música, literatura, poesia, obras de arte, etc.) oferecendo uma maior capacidade de abstração para o entendimento do conteúdo trabalhado em sala de aula. Conteúdos esses que seguiam sempre as orientações do professor supervisor.

4.3 A escola campo: O Centro de Ensino Liceu Maranhense

⁴⁶ Ministério da Educação. Edital nº 002/2009 – CAPES / DEB. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFMA. p. 3

O Centro de Ensino Liceu Maranhense⁴⁷ localiza-se no centro de São-Luís/MA, oferece educação geral em nível de Ensino Médio nos turnos matutino, vespertino e noturno na modalidade regular.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, o P.P.P. do Centro de Ensino Liceu Maranhense, a palavra Liceu: “(do grego LÚKEION) designava os ginásios de Atenas onde os jovens gregos praticavam exercícios físicos e intelectuais, discutindo com seus mestres assuntos sociais e políticos, preparando-se para serem cidadãos.”⁴⁸

Fazendo parte da comunidade é fundamental que a Escola conheça o contexto social de sua vizinhança e da clientela a que serve. Segundo o P.P.P. do Centro de Ensino Liceu Maranhense:

A clientela do “Liceu Maranhense” já não é mais constituída pela elite do Estado que aqui estudava quando da criação durante o Império brasileiro em 1838. No entanto, como há uma oferta de vaga inferior à procura (600 vagas oferecidas em 2010 para 6.250 inscritos para o seletivo) os alunos apresentam uma boa base de conhecimento e conseqüentemente há certa homogeneidade no nível de ensino com resultado ao final dos estudos satisfatório. São provenientes das mais diversas classes sociais e dos diversos bairros que compõem a nossa cidade, com predominância dos que residem no Centro de São Luís.⁴⁹

O Projeto “Filosofia e Arte” desenvolveu-se no Centro de Ensino Liceu Maranhense no período de 2012.2, ou seja, no segundo semestre do ano de 2012. Os bolsistas dividiram-se pelas turmas. As turmas que o projeto foi desenvolvido eram turmas do 1º ano do Ensino Médio no turno matutino, que ia da turma 101 até a turma 106. A turma no qual desenvolvi o projeto, juntamente com a bolsista Darleane Côrrea foi a turma 102 composta por 35 alunos.

As aulas ministradas por nós, alunos bolsistas na turma 102, seguia os passos de uma aula de Filosofia, descritos anteriormente; partindo da sensibilização, criando uma problematização, fazendo uma investigação na história da Filosofia e criando novos conceitos sobre o tema abordado. As aulas eram supervisionadas pelo professor de Filosofia em sala de aula e, se dava de forma a induzir os alunos a pensarem e refletirem sobre as questões trabalhadas em sala de aula, pois, nunca apresentamos a eles respostas

⁴⁷ Surgiu a partir da fundação do seminário diocesano de Santo Antônio em 17 de abril de 1838 por influência de D. Marcos Antônio de Souza e nesse mesmo ano, o então presidente da província maranhense, Vicente Tomaz Pires de Figueiredo Camargo sancionou a Lei Nº 17, de 24 de julho de 1838 criando o Liceu Maranhense.

⁴⁸ Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Liceu Maranhense. Op. cit. p. 17

⁴⁹ Ibid., p. 19

já prontas e dadas. Para alguns alunos, podemos perceber que possuíam a Filosofia apenas como uma disciplina qualquer obrigatória do currículo escolar, já para outros alunos podíamos perceber que a filosofia era fundamental para entender e compreender as coisas e a si mesmo.

Essas motivações entendidas para os alunos se davam em relação as metodologias utilizadas pelo professor de Filosofia, onde o mesmo apenas utilizava como recurso para suas aulas, o livro de Filosofia, o quadro branco e o pincel. Como já dito anteriormente, o docente de Filosofia não usava livro didático, pois, a Secretária de Educação, ainda não havia adotado. O que se encontrava com o docente eram livros da autora Marilena Chauí – Convite à Filosofia, para o Ensino Médio, onde esses livros eram do próprio professor e era o mesmo que o escolhia para usar em sala de aula, para se guiar no decorrer das aulas ou xerocopiar algumas páginas para que os alunos acompanhassem o conteúdo. Isso acabava desestimulando os alunos para a disciplina de Filosofia, pois, raramente eram colocados como agentes ativos do processo formador.

É notório essa insatisfação dos alunos, com base no questionário que foi aplicado. Questionário esse que foi criado por todos os alunos bolsistas do subprojeto de Filosofia. O questionário criado para os alunos compõe-se de sete questões, que trata sobre a aula de Filosofia, o conteúdo de Filosofia, a forma que compreendem melhor a disciplina, se conseguem perceber uma relação da Filosofia com a sua atualidade e como que gostariam que fosse a aula de Filosofia.

4.4 Resultado dos questionários respondidos pelos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense

Portanto, com base na análise feita sobre os 35 relatórios, podemos observar que:

- À primeira questão que perguntou, o que é a aula de Filosofia para os alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense, teve como respostas: 12 alunos marcaram que é a leitura de textos dos filósofos, 8 alunos responderam que é questionar os problemas do dia-a-dia, 5 alunos que é conhecer sobre nossa existência e 10 alunos disseram que é uma aula normal. Com isso a letra mais respondida pela maioria dos alunos foi a leitura de textos dos filósofos. Frente ao currículo escolar, podemos perceber na prática a execução do subsistema

prático-pedagógico, no qual é conhecido como ensino, onde o professor de Filosofia através de textos dos filósofos transmite o conhecimento aos alunos.

Já para Cerletti, a aula de Filosofia é:

[...] ensinar filosofia supõe basicamente ensinar a filosofar e caracterizamos o filosofar - mais do que pela aquisição certos conhecimentos ou pelo manejo de alguns procedimentos – por um traço distintivo: a intenção e a atitude insistente do perguntar, do problematizar e, de acordo com isso, de buscar respostas.⁵⁰

Em relação aos alunos com o que propõe Cerletti, podemos observar que o conceito sobre o que seja a aula de Filosofia para os alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense, se dar diante do que os alunos observavam diariamente nas aulas ministradas pelo professor.

- A segunda questão que pergunta quanto ao conteúdo da aula de filosofia, 7 alunos que é excelente, 28 alunos disseram que é bom e nenhum aluno disse que deixa a desejar. A maioria dos alunos responderam que é bom. Essa análise pode ser feita a partir de dois subsistemas que compõem o currículo escolar, nos quais são, o quinto subsistema que é o dos âmbitos de criação culturais, científicos e etc, onde os conteúdos são selecionados de acordo com as séries de ensino para preparar suficientemente o aluno para ler, escrever, interpretar e resolver problemas. Bem como, o oitavo subsistema que é o prático-pedagógico, conhecido por ensino, no qual os conteúdos são ministrados em sala de aula, fazendo com que os alunos apreendam o conhecimento apresentado pelo professor, sendo capaz de promover instrumentos práticos que reflitam na vida social do aluno.

Já para Cerletti, em relação aos conteúdos de Filosofia nos diz que:

A filosofia passa a integrar os sistemas educativos e, portanto, começa a ocupar um lugar, de maior ou menor importância, nos programas oficiais. Em assim sendo, o ensino de filosofia adquire dimensão estatal. Os mestres ou professores já que não transmitem uma filosofia – ou a sua filosofia -, mas agora, para além do grau de liberdade que tenham para exercer essa

⁵⁰ Cerletti. Op. cit., p. 29

atividade, ensinam “Filosofia” de acordo com os conteúdos e os critérios estabelecidos pelos planejamentos oficiais e pelas instituições habilitadas para tal.⁵¹

E acrescenta que:

As exigências programáticas do ensino institucionalizado de filosofia fazem com que, no desenrolar dos cursos, a reflexão filosófica sobre o significado ou o sentido da filosofia costume ser abreviada ao extremo ou postergada quase indefinitivamente, em favor da introdução, sem mais, dos conteúdos “específicos” de filosofia. Essa necessidade faz com que a caracterização da filosofia seja mais ou menos implícita, supostamente reconhecível no que se ensina como filosofia, ou bem apresentada com uma ou várias definições (com as quais diga de passagem, raramente se acostuma ser consequente durante o ensino). Essa mesma razão atravessa também a reflexão sobre o ensinar filosofia, permanecendo, em geral, muito simplificada a justificativa de como levar adiante essa tarefa.⁵²

E, finaliza dizendo: “se a isso nos interessa pensar o ensino da filosofia em um contexto educacional formal, ou seja, naquele em que os conteúdos estão prescritos ou regulados pelo Estado, o panorama se complexifica ainda mais.”⁵³

Diante disso, podemos compreender que todos os conteúdos de Filosofia, são prescritos pelas instituições de educação de cada Estado de acordo com as séries de ensino regular do nível médio, que atende as normas estabelecidas pelo Ministério da Educação, que é um setor do Governo Federal. Esses conteúdos apresentam-se de acordo com a história da Filosofia e acabam sendo bem densos e devem ser trabalhados durante um ano letivo. Os docentes de Filosofia, planejam as suas aulas anuais mediante os conteúdos e organizam em seus Planos de Curso.

O Plano de Curso é um instrumento de trabalho que possui o objetivo de pontuar os conteúdos, apresentar as metodologias adotadas, os procedimentos e os recursos que ajudarão no processo ensino-aprendizagem concernente às unidades escolares. Sejam estas de ensino fundamental, médio, superior e técnico.

A elaboração do plano de curso deve ocorrer na presença do grupo pedagógico da unidade escolar, atendendo à característica interdisciplinar e contextualizada estabelecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais(PCNs). A construção desse

⁵¹ Ibid., p. 13

⁵² Ibid., p. 14

⁵³ Ibid., p. 12

material gera entre os profissionais uma nova postura, ocasionando debates voltados para a satisfação em promover ações norteadoras, visando a um melhor nível de ensino dos conteúdos programáticos.

A não presença do Plano de Curso para o desenvolvimento das atividades do professor, atrapalha todo o seu calendário, bem como todos os seus conteúdos. O professor de Filosofia do Centro de Ensino Liceu Maranhense não possuía o plano de curso da disciplina de Filosofia e, toda vez que era pedido o Plano de Curso, o mesmo falava que estava passando por atualizações.

Portanto, o que acontece é justamente, que os docentes, preocupados, com as questões de conteúdo e de carga horária acabam que apresentando os conteúdos filosóficos de forma muito resumida, implicando assim que o aluno consiga desenvolver uma reflexão filosófica sobre o tema em questão.

“[...] que nos interessa pensar o ensino de filosofia em um contexto educativo formal, ou seja, naquele em que os conteúdos estão prescritos ou regulados pelo Estado, o panorama se complexifica ainda mais.”⁵⁴, disse Cerletti, na sua obra *O Ensino de Filosofia como problema filosófico*. Por isso que na maioria das vezes os conteúdos de filosofia não são compreendidos pelos alunos, justamente, pela rigidez do sistema educativo.

- A terceira questão perguntou aos alunos se compreendem a aula de filosofia: 28 alunos disseram que compreendem a aula de Filosofia enquanto outros 7 disseram que não a compreendem. A maioria dos alunos responderam que compreendem a aula de Filosofia.

Ao se falar da compreensão de conteúdos, remete-se diretamente a postura do professor em sala de aula, já que o mesmo é visto como um facilitador ao repassar os conteúdos aos alunos, pois, qualquer conhecimento é transmitido e se dar quando alguém sabe algo e passa o conhecimento para quem não sabe e após isso, identifica se o conhecimento que foi transmitido foi assimilado. E essa transmissão entende-se como ensino, onde esse ensino se dar dentro de um currículo escolar, dentro de um subsistema prático-pedagógico, que requer atenção direta entre professor e aluno.

⁵⁴ Id.

O aluno deve ser um sujeito que age em conjunto com os outros alunos e com o professor e que seja ativo no seu processo de construção do conhecimento. Assumindo o professor um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem e esse percurso remete-se ao currículo escolar, fazendo com que o aluno o pratique sem ter noção desse conhecimento.

Para Cerletti, na sua obra *O Ensino de Filosofia como problema filosófico*, nos diz que:

[...]os melhores professores e professoras serão aqueles que possam ensinar em condições diversas, e não só porque terão que idear estratégias didáticas alternativas, mas também porque deverão ser capazes de repensar, no dia a dia, os próprios conhecimentos, sua relação com a filosofia e o marco em que pretendem ensiná-la.⁵⁵

- A quarta questão seguinte, foi perguntada de que maneira os alunos compreendem melhor a aula de Filosofia: 5 alunos responderam que com aulas expositivas, 19 alunos responderam que com aula expositiva e o uso de revistas, jornais, vídeos, músicas, etc., e 11 alunos responderam que com aula expositiva, o uso de revistas, jornais, vídeos, músicas e os textos filosóficos.

Esses recursos como revistas, jornais, músicas e vídeos estão nas entrelinhas de um currículo escolar, uma vez que todos eles apresentam conteúdos ligados diretamente a sociedade dos alunos, informações ou acontecimentos que tenham vindo à tona e que são rebuscados e levados para dentro da sala de aula para que os alunos consigam analisar e fazer pontes de acordo com os conteúdos filosóficos. Com isso, podemos perceber que o currículo escolar acontece na prática, uma vez que as questões são levadas da sociedade para dentro da sala de aula, fazendo assim com que o subsistema prático-pedagógico tenha um peso dentre todos os outros subsistemas.

Sacristán nos afirma que o currículo é uma prática social, e essa prática social é vista como um elo entre a sociedade e a escola, principalmente ligada a professores e alunos que são os personagens principais desse currículo.

⁵⁵ Ibid., p. 9

Nessa questão, podemos observar que a maioria dos alunos para que compreendam melhor a aula de Filosofia, necessitam de algum recurso didático que ajude na aproximação e compreensão do conteúdo, até mesmo, quando o professor de Filosofia usa os textos originais dos filósofos. O texto filosófico transmite uma ideia e como quem o produziu chegou a esse raciocínio, tudo isso para convencer o leitor de que sua tese tem um sentido lógico. O que pode se perceber é que o professor de Filosofia utiliza recursos didáticos, mais não com muita frequência.

Frente a isso, cita Cerletti:

[...] O “como”, em geral, é visualizado separadamente daquilo que se ensina, e o ensino estaria suficientemente garantido, para alguns, pelo domínio dos conhecimentos filosóficos do professor; para outros, pelo domínio de determinado recursos didáticos.⁵⁶

- A quinta questão perguntou se os alunos conseguiam ver relação na aula de Filosofia com a sua realidade. 17 alunos responderam que sim e 18 responderam que não conseguem ver nenhuma relação da Filosofia com a nossa realidade.

As práticas pedagógicas dentro da sala de aula são percebidas, mais com um certo tradicionalismo apresentado pela postura do docente que vai contra o perfil que se deseja de um professor de Filosofia. Uma vez que nos apresenta Sacristán na sua obra *O currículo: uma reflexão sobre a prática*, dizendo que o ensino deve ser visto: “como um processo no qual se comunicam”⁵⁷ e, aqui no caso do professor de Filosofia da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense essa comunicação não era perceptível, porque o professor dificilmente dialogava com seus alunos.

Como dito anteriormente, isso é compreensível por conta da metodologia tradicional adotada pelo professor, e em relação ao que disseram como que compreendem melhor a aula de Filosofia, que é através do uso que o professor faz de recursos didáticos.

Para Cerletti:

⁵⁶ Ibid., p. 15

⁵⁷ Sacristán. Op. cit., p. 29

“Aprender” a filosofar implica uma decisão que é, em última instância, pessoal... Em definitiva, quem aprende filo-sofia filosofa quando cria, isto é, quando os conhecimentos que vai adquirindo, ou com os quais conta, são reordenados a partir de uma nova maneira de interpelá-los. Ou seja, quando estabelece novas relações com o mundo.⁵⁸

- A sexta questão que foi respondida pelos alunos, foi em questão se o (a) professor (a) de Filosofia estimula e desenvolve discussões e/ou debates em sala. 13 alunos responderam que sim, enquanto a maioria, 22 dos alunos responderam o que professor não estimula e não desenvolve discussões e/ou debates em sala de aula e quando estimula ou desenvolve 5 alunos disseram que em todas as aulas, 5 alunos disseram que na maioria das aulas enquanto 3 alunos disseram que raramente o professor de Filosofia estimula e desenvolve discussões.

“O perguntar filosófico é, então, o elemento constitutivo fundamental do filosofar e, portanto, do ‘ensinar filosofia.’”⁵⁹, disse Cerletti, na sua obra *O Ensino de Filosofia como problema filosófico*. Em outras palavras, Cerletti nos diz que, as perguntas filosóficas dinamizam a problematização de um tema em debate e que o professor de Filosofia deve sempre estar questionando os seus alunos.

Já no ponto de vista de Sacristán, analisando o subsistema prático-pedagógico, o ensino não ocorre de maneira pedagógica e sim apenas de forma obrigatória, onde o professor só chega em sala de aula e “passa” os conteúdos aos alunos, sem se preocupar em saber se o aluno está conseguindo “aprender filosofia”; sem chamar atenção do aluno para a realidade social em que faz parte, pois, como visto no capítulo anterior, para que o aluno consiga desenvolver essa atividade de compreensão, deve o professor planejar suas aulas com base nas quatro etapas de uma aula de Filosofia.

- A sétima questão foi feita aos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense foi o que chamava a atenção deles na aula de Filosofia; 10 alunos responderam que a forma como é transmitida a disciplina, 7 alunos disseram que

⁵⁸ Cerletti. Op. cit., p. 40

⁵⁹ Ibid., p. 21

os questionamentos feitos pelo professor (a), 16 alunos responderam que com os recursos utilizados pelo (a) professor (a) (vídeo, música, figuras e etc.).

A utilização de recursos didáticos é uma importante ferramenta para facilitar aprendizagem e superar algumas lacunas ainda deixadas pelo ensino tradicional nos tempos atuais. Sabe-se que nem todos os professores estão preparados para trabalhar com os mais variados recursos didáticos e com isso passam a depender do livro didático e do quadro branco, dificultando a aprendizagem. E para que o subsistema seja realmente posto em prática é necessário que o ensino seja efetivo, fazendo com que os alunos possam se compreender como ferramentas essenciais para o meio social, capazes de julgar, discutir e participar das decisões de sua comunidade que vive. Sacristán na sua obra *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*, comentando o subsistema pratico-pedagógico deixa isso bem claro ao citar que:

[...] É óbvio que o currículo faz referência à interação e ao intercâmbio entre professores e alunos, expressando-se em práticas de ensino-aprendizagem sob enfoque metodológico muito diversos, através de tarefas acadêmicas determinadas, configurando de uma forma concreta o posto de trabalho do professor e o de aprendiz dos alunos.⁶⁰

Já uma leitura de Cerletti, nos diz que a repetição é positiva na Filosofia na medida em que “é condição de possibilidade de criação, ou seja, do aparecimento de algo diferente”.⁶¹ Esse algo diferente pode ser compreendido justamente pela utilização dos recursos que ajudarão no desenvolver da história da Filosofia fazendo com que os alunos despertem interesse pela aula.

4.5 Concepções apresentadas pelos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense em relação a Filosofia

- A oitava questão elaborada aos alunos se deu de forma discursiva, perguntando como que gostariam que fosse a aula de Filosofia. Mediante a análise de todos os 35 relatórios, podemos compreender nessa questão as concepções de Filosofia que os alunos possuíam em relação a Filosofia.

⁶⁰ Sacristán. Op. cit., p. 26

⁶¹ Cerletti. Op. cit., p. 33

A primeira concepção apresentada é que a Filosofia é uma disciplina que apresenta clareza em relação as questões que estão sendo tratados, pois, a clareza é uma importante qualidade num texto filosófico, pois, é dever do docente dar a conhecer da forma mais clara possível as ideias, para que possam ser criticamente compreendidas e avaliadas por terceiros. Por isso, que os alunos pediram que o professor explicasse mais o conteúdo e que não fizesse muitas leituras, pois, o mesmo só lia e tentava explicar como estava no papel.

A segunda concepção apresentada pelos alunos é que a Filosofia é vista como uma erudição, ou seja, a Filosofia é um ramo de conhecimento vasto e variada e por isso que gostariam que os conteúdos de Filosofia fossem mais explicados pelo professor e que não apenas o professor simplificasse a explicação dos conteúdos em um único momento histórico-filosófico.

Outra concepção apresentada pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense é que a Filosofia é vista como um mundo, pois, é vista como tudo aquilo que constitui a realidade e por isso que as aulas poderiam ser trabalhadas fora da sala de aula, para que pudessem analisar as questões e com base empírica pudessem encontrar as respostas.

Os alunos gostariam também que as aulas de Filosofia fossem com gincanas do conhecimento. Através disso, podemos compreender que umas das concepções apresentadas por esses alunos se dar através do lúdico, pois, o lúdico tem a forma de desenvolver a criatividade, os conhecimentos, através de jogos, músicas, danças e brincadeiras. As atividades lúdicas são desenvolvidas desde o período grego antigo, com Platão, pois, na educação do cidadão para o filósofo, as crianças seriam formadas através de atividades lúdicas, ou seja, as crianças seriam ensinadas através dessas atividades.

Outra concepção identificada é que a Filosofia apresenta-se como diversidade temática e por isso que os alunos gostariam que o docente falasse mais sobre os dias atuais, pois, a história da Filosofia faz com que se entenda o presente.

A Filosofia também é arte, essa é uma das concepções também adotadas pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense, pois, gostariam que o professor convidasse outras pessoas para palestrarem sobre os mais diversificados assuntos que envolvem a Filosofia.

Mediante os conceitos apresentados pelos alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense, podemos perceber que em uma sala de aula, professores e alunos são peças fundamentais para as relações de ensino-aprendizagem. “O ‘sujeito’ desse processo é tanto o que aprende como o que ensina, mas, sobretudo, o vínculo entre ambos”⁶², disse Cerletti, na sua obra *O Ensino de Filosofia como problema filosófico*.

No que concerne à aula de Filosofia, conteúdo de Filosofia, metodologias adequadas, o professor é o fator determinante que com seu embasamento teórico e metodológico transmitirá o conhecimento para os seus alunos da melhor forma possível, obtendo no final de cada aula, a compreensão dos seus alunos sobre os conteúdos ministrados em sala de aula, de forma clara e objetiva.

[...] O desafio de todo docente – e muito em especial de quem ensina filosofia – é conseguir que em suas aulas, para além da transmissão de informação, produza-se uma mudança subjetiva. Fundamentalmente de seus alunos, mas também de si mesmo. Se a aula é *dià-logos* filosóficos, a dimensão criativa envolve aqueles que aprendem e aqueles que ensinam. Em outras palavras, o professor deve criar as condições para que os estudantes possam tornar própria uma forma de interrogar e uma vontade de saber.⁶³

Com todos esses fatos citados pelos alunos, podemos perceber diretamente a composição de todo o currículo escolar, uma vez que alunos desejam aprender, ou seja que aconteça o “ensino” pela parte do professor, para que através da Filosofia possam ser jovens críticos tentando responder as inúmeras interrogações existentes. Outro fator fundamental é a questão de se perceberem em uma sociedade, “fora dos muros escolares” e com isso, poderem tanto que aprender com a sociedade quanto poderem dar respostas a ela sobre as suas funções bem como da instituição escolar que está alocada em determinada região.

Sendo assim, a filosofia para os alunos do 1º ano da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense é vista como uma disciplina para formar opinião e ser mais crítico, com isso é perceptível que a Filosofia é real, portanto vive na escola compondo o currículo escolar.

Portanto, podemos perceber que todos os sete primeiros subsistemas apresentados que compõem o currículo escolar, convergem diretamente para o oitavo

⁶² Ibid., p. 37

⁶³ Ibid., p. 36 - 37

subsistema que é o prático-pedagógico, que é composto por um docente de Filosofia e alunos; e assim, através da priorização de práticas que favoreça a formação de jovens capazes de desenvolver seu próprio pensamento e crítica através do mundo a sua volta, faz com que os alunos compreenda e conceitue a Filosofia, executando assim todo o currículo escolar.

Dessa forma, tanto para José Gimeno Sacristán como para Alejandro Cerletti, professores e alunos são peças fundamentais para o desenvolvimento do processo educacional, uma vez que são eles os responsáveis ativos e mantêm relação direta com a sociedade. O currículo é uma construção social, na acepção de estar inteiramente vinculado a um período da história, à determinada sociedade e às relações com o conhecimento. Nesse sentido, a educação, no seu processo de ensino e currículo possuem uma ligação, onde são envolvidos com o processo cultural, como construção de identidades locais e nacionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meio escolar apresenta grande relevância a sociedade em que faz parte. As escolas são compreendidas pela sociedade atual como um local de formação de futuros indivíduos, mais, o que vemos nessa mesma sociedade, é apenas instituições de educação, vistas como fábricas, no qual todo o seu corpo mantenedor está ali para transportar conhecimento e jogar a sua “clientela” para o mercado de trabalho.

Isso se dar, pelo fato que os profissionais da educação não possuem condutas pertinentes as suas funções que exercem em relação a formação de caráter de indivíduos, que serão os responsáveis pela sociedade futura, podendo escolher e modificar todo o seu meio. Essas questões são evidentes, devido, ao que acontece na maioria das instituições escolares estaduais, municipais e até particulares, que é o “engavetamento” do currículo escolar. Documento esse de grande relevância e que rege todos os setores de uma instituição de ensino.

Como apresentando nessa pesquisa, para Sacristán, o currículo escolar deve ser visto como uma prática social, ou seja, deve sempre estar em transformação, em aperfeiçoamento, na medida em que há mudanças na sociedade, muda-se também internamente o rege das instituições. O ensino acaba se modificando, apresentado déficit e principalmente, rendimentos muito baixos de alguns alunos em algumas disciplinas, por conta que cada indivíduo, quer agir de maneira individual, colocando em prática o que acha melhor sem se preocupar com o todo e desconhecendo totalmente o currículo escolar.

Para a organização do currículo escolar é preciso uma equipe que tenha capacidade de avaliar desde os aspectos físicos, passando pela realidade social institucional bem como organizar todas as funções de cada membro escolar, que vai desde as questões administrativas chegando principalmente nas questões pedagógicas, que tange à relação professor e aluno dentro da sala de aula.

O currículo deve se preocupar com a transformação social, levando o aluno ao ato de reflexão crítica sobre as questões ao seu meio social, por isso, as atividades curriculares e extracurriculares estão diretamente ligadas, porque é através das experiências prévias existentes que se dá a evolução do conhecimento.

Sendo assim, o responsável pela organização desse conhecimento é o professor, que através da teoria e da prática deve procurar meios para reconstruir o pensamento dos alunos, bem como buscar estímulos que obterá o entusiasmo dos alunos. Essa metodologia não acontece de maneira efetiva, porque alguns professores ainda continuam com métodos tradicionais e aulas monótonas, fazendo com que os alunos não se interessem em desfrutar os objetivos proposto pelas disciplinas.

Na Filosofia não é diferente. Alguns alunos apresentam um certo receio em relação a disciplina de Filosofia, justamente, por se depararem pela forma simples e tradicional no qual é repassada. Vivemos em uma época de muitas transformações, onde a tecnologia está se alargando e com isso os alunos apreendem muitas informações, devido a evolução da sociedade; frente a isso, o professor, principalmente o de Filosofia deve ser ativo, criativo, buscando meios e apresentando problemas para que os alunos analisem e consigam compreender a função prática da Filosofia, que não se dar somente “nos muros” da instituição escolar, como uma obrigatoriedade em cumprir as cargas horárias e os conteúdos, mas em qualquer meio social ou individual.

O ensino de Filosofia, para Cerletti é compreendido como uma construção subjetiva. Construção essa que se dar desde os gregos, pois, para poderem filosofar necessitavam analisar para depois emitir algum juízo de valor, e, mesmo na atribuição de uma resposta essa por si se transformava em uma outra indagação, não aceitando logo de início o que se apresentava. A construção do conhecimento de um aluno se dar justamente quando o mesmo se põe a analisar e tenta a encontrar respostas para tais questões. Questões essas que são influenciadas por todas as questões sociais no qual faz parte e é isso, que o professor deve promover em sala de aula, fazendo “jus” o currículo escolar.

O ensino de Filosofia funciona como uma repetição que possibilita uma criação de novos argumentos, e essa criação se transforma em um desafio para o docente, em suas aulas além de fornecer informações, produz mudança subjetiva do aluno.

A compreensão da disciplina de Filosofia para os alunos da turma 102 do Centro de Ensino Liceu Maranhense que é percebida é “apática”, pois, olham a Filosofia como uma simples disciplina qualquer devido à falta de estímulo do docente e pela sua autoconfiança em relação a disciplina de Filosofia, uma vez que o mesmo não preparava planos de aula, para poder se guiar durante a aula, bem como transmitia apenas a história da Filosofia e muito pouco fazia referência com a atualidade dos alunos. Dessa forma, o docente de Filosofia não contemplava o currículo escolar, uma vez que todas as questões são agrupadas e incidem diretamente dentro da sala de aula, havendo um distanciamento de conteúdo, da realidade dos alunos e do currículo escolar.

Sendo assim, espera-se que essa pesquisa possa chamar a atenção dos professores que compõem o quadro do Curso de Filosofia Licenciatura da UFMA e de todas as Instituições de Ensino Superior - IES, para que se pensem em uma estrutura didática, pedagógica e filosófica para o curso, sempre se pensando na clientela que estão atendendo com base em uma perspectiva de licenciatura e não bacharelado.

Contudo, esta pesquisa contribui para problematizar o processo pedagógico no Ensino de Filosofia e a partir dela procurar novos métodos de ensino para que os alunos da licenciatura em Filosofia possam atentar-se em buscar sempre a melhor forma de “como ensinar”, mais com foco sempre no que está ensinando. Essa dualidade de “como ensinar” e “o que ensinar”, apresenta uma condição mais favorável e melhor aos futuros professores e professoras, fornecendo subsídios para escolher os seus métodos e recursos para ensinar, em concordância com a sua ética profissional, sua responsabilidade e seu comprometimento com a Filosofia e a Educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília : 1996.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução: Ingrid Muller Xavier. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2009.

GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia**. (Um livro para professores) / Silvio Gallo e Renata Lima Aspis, Ed. Alta, 1º edição, São Paulo, 2009.

Ministério da Educação. Edital nº 002/2009 – CAPES / DEB. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFMA

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: Uma Reflexão sobre a Prática**. Tradução. Ernani F. da Fonseca Rosa – 3. ed. – Porto Alegre: ArtMed. 2000.

Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio, Brasília, MEC, 2002.

Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Liceu Maranhense.

SEDUC, **Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio**. Coordenação de Maria Lisbôa de Andrade. Revisão: Maria Delza Sampaio Feitosa. Edição Única. São Luís-MA. Disponível em: <http://www.educacao.ma.gov.br/documentos/Diretrizes%20Curriculares.pdf>. Acesso em: 10 / 07 / 2014.